

COLETÂNEA DO ALEM



**Francisco Cândido
Xavier** (ESPÍRITOS DIVERSOS)

Edições - Federação Espirita do Estado de São Paulo

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

**COLETÂNEA
DO ALÉM**

Diversos Autores

EDIÇÕES FEESP



FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO ESTADO DE SÃO PAULO

RUA JAPURÁ, 211 — CAIXA POSTAL 8763

SÃO PAULO — SP — BRASIL

1981

EDIÇÕES "FEESP"
1.ª Edição
Do 1.º ao 10.º milheiro

Capa: - PAULO JOSÉ

Produção: - PAULO ALVES GODOY

Revisão: - ALBANOR BRASIL AROUCA

Direitos autorais de propriedade do
NÚCLEO ESPÍRITA CAMINHEIROS DO BEM

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Rua Japurá, 211 - Bela Vista
Caixa Postal 8763 - C. E. P. 01000 - São Paulo - SP - Brasil
C. G. C. (MF) 61669966/0003-72 — I. E. 105900241

1981

Impresso no Brasil
Presita em Brazilo

ÍNDICE

	Págs.
Palavras de Amigo	7
1 A Criança é o Futuro	9
Ilha da Paz	13
A Oportunidade	14
Carta Fraternal	17
Mensagem	20
Provérbios Antigos	23
O Cristão que voltou	26
Ide, Irmãos!	31
Revolução Espiritual	32
A Lição da Cancela	34
11 Oraí pelos que vos perseguem	36 OK
Macrocosmo versus microcosmo	38
Acordai-vos!	42
Jesus e nós outros	45
15 Na Missão do Bem	45 OK
A Graça do Senhor	47
Em Vão	49
18 O Advogado da Cruz	49 OK OK
O Sol e a Neblina	52
O Conquistador Diferente	54
Velhos Rifões	58
Jesus e César	60
Ouve, Irmão de Minha'alma	63
Interrogação do Mestre	64
A Grande Vitória	66
No Campo da Mediunidade	67
Fala Contigo	71
Liberdade Espiritual	75
Da Sabedoria Popular	75
Do Mestre e as Opiniões	80 OK
31 O Réu da Cruz	80 OK
32 A Ironia e a Verdade	82
Missionário	84
O Tempo	85

	Págs.
A Divina Lição	87
36 Ridículo e Silêncio	89
O Homem e a Dor	91
38 No Escândalo da Cruz	92
Coração do Mundo	95
Pátria do Evangelho	96
Postais Cristãos	98
Cristianismo Restaurado	100
Súplica à Mãe Santíssima	103
A Árvore Útil	104
Adágios	106
46 O Velho e o Novo Testamentos	108
Avante	110
Sentimento e Razão	111
Sementeira	113
Como Conhecer os Espíritos	115
Avante, Irmãos	117
52 O Evangelho	118
A Cruz	121
Pergunta e resposta	122
Além da Morte	124
56 Lembrança Fraternal aos Enfermos	125
Prece	129
Para a Mulher	130
Aqueles Velhos Bandeirantes	132
O Espiritismo e a Contribuição Científica	135
Rogativa ao Cruzeiro do Sul	137
A Procura da Fé	138
Carta de Irmão	140
Comungar com Deus	147
Brilha Vossa Luz	144
66 Evangelização	145
Os Oculos	148
78 Jesus	150
Entregai-vos ao Cristo	153
70 A Manjedoura	154
• Súplica do Natal	156

EXPLICAÇÃO DA EDITORA

Por gentileza do "Núcleo Espírita Caminheiros do Bem", proprietário dos direitos autorais de "Coletânea do Além", as edições FEESP, lançam a sua primeira edição dessa magnífica obra psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier.

As edições anteriores continham a explicação de que, parte dos resultados da venda dessa obra seria revertida em benefício de uma instituição assistencial, por isso, a fim de não alterar esse objetivo, parte dos livros da presente edição, será também destinada a uma instituição de amparo a menores carentes.

Cumpra aqui editar que estando essa obra com suas edições esgotadas, um dos objetivos da presente é de evitar que um livro que encerra ensinamentos de tão relevante teor espiritualizante venha a faltar nas bibliotecas espíritas.

"Coletânea do Além" representa um repositório de mensagens de grande atualidade, emanadas de vários benfeitores espíritas. Nessas páginas, de marcante importância, são focalizados temas empolgantes, que falam bem de perto às nossas necessidades de aculturação e de assimilação de novas verdades, tão necessárias no agitado ambiente do mundo contemporâneo.

Esperamos pois, que esta obra, uma das quase duas centenas recebidas pela psicografia do famoso sensitivo de Uberaba, preencha as suas relevantes finalidades e constitua mais uma jóia a enriquecer as bibliotecas espíritas.

PAULO ALVES GODOY
Diretor da Área de Divulgação da
Federação Espírita do Estado de S. Paulo

PALAVRAS DE AMIGO

Meu irmão, permaneça em seu espírito a bênção de Jesus, o nosso Divino Mestre.

Agradecemos a você que adquiriu estas páginas, em favor do nosso trabalho de assistência aos pequeninos.

A obra é grande, meu amigo, e reclama companheiros de boa vontade.

Por esse motivo, com o meu reconhecimento, endereço-lhe um apelo: — Venha e ajude-nos! Reunamo-nos a serviço do Evangelho!

A sementeira do bem produzirá para o seu próprio benefício.

A colheita de amanhã dependerá do seu trabalho de hoje.

Em virtude de semelhante realidade, não nos alongaremos através de muitas palavras para somente repetir com Emmanuel — a criança é o futuro.

E todos nós estamos a caminho do infinito porvir...

BATUIRA

Pedro Leopoldo, 10 de setembro de 1945

A CRIANÇA É O FUTURO

No quadro de renovações imediatas do mundo, problemas angustiosos absorverão naturalmente os sociólogos mais atilados.

A civilização enferma requisita recursos salvadores, socorros providenciais, em face do transcendentalismo da atualidade. Organismo devastado por moléstias indefiníveis, a sociedade humana está compelida a examinar detidamente as questões mais dolorosas, tocando-lhes a complexidade e a extensão. Tão logo regresso à paisagem pacífica, reconhecerá a necessidade da reconstrução salutar.

Entretanto, a desilusão e o desânimo serão inevitáveis no círculo dos lutadores.

Por onde recomeçar:

As experiências amargas terão passado, rumo aos abismos do tempo, substituindo nas almas o anseio justo da concórdia geral, todavia, é razoável ponderar a preocupação torturante a se fazer sentir, em todos os planos do pensamento internacional.

As noções do direito, os ideais de justiça econômica, as garantias da paz, surgirão, à frente das criações, solicitando-lhes o concurso devido, para a total extinção das sombras da violência, mas, no exame das providências de ordem geral é imprescindível reconhecer que a reconstrução do planeta é iniciativa educacional.

É quase incrível, no entanto, que o problema seja, ainda, de orientação infantil, objetivando-se horizontes novos.

A criança é o futuro.

E, com exceção dos espíritos missionários, os homens de agora serão as crianças de amanhã, no processo reencarnacionista.

O trabalho redentor da nova era há de começar na alma da infância, se não quiserdes divagar nos castelos teóricos da imaginação superexcitada. É lógico que a legislação será sempre a casa nobre dos princípios que asseguram os direitos do homem, entretanto, os governos não poderiam realizar integralmente a obra renovadora sem a colaboração daqueles que hajam sentido a verdade e o bem com Jesus Cristo.

A crise do mundo não estará solucionada com a simples extinção da guerra.

O quadro de serviço presente é campo de tarefas esmagadoras que assombram pela grandeza espiritual.

Pede-se a paz com a vitória do direito e ninguém contesta a legitimidade de semelhante solicitação. Mas é indispensável organizar o programa de amanhã. A sociologia abrirá as possibilidades que lhe são próprias, por restituir ao mundo o verdadeiro equilíbrio de sua evolução ascensional.

Não nos esqueçamos, porém, de que a psicologia do homem comum ainda se enquadra na esfera de aná-lise devida à criança.

É por isto, talvez, que Jesus, por mais de uma vez, deixou escapar o sublime apelo: — “Deixai vir a mim os pequeninos”. Não observamos aqui, tão somente, o símbolo da ternura. O Mestre não demons-

trava atitude meramente acidental, junto à paisagem humana, aureolada de sorrisos infantis. Aludia, sim, à tarefa bem mais profunda no tempo e no espaço. Sabia Ele que durante séculos a grande questão das criaturas estaria moldada em necessidades educativas. E com muita propriedade o Cristo exclama — “deixai vir a mim” — e não simplesmente — “vinde a mim”. Sua exortação divina atinge a todos os que receberam a mordomia da responsabilidade espiritual nos quadros evolucionários da Terra, para que não impeçam à mente humana o acesso real às suas fontes de verdades sublimes.

Constituindo a infância a humanidade futura, reconhecemos ao seu lado a região de sementeira proveitosa. E, reconhecendo, nós outros, que Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida, não encontraremos outra senda de redenção, estranha aos fundamentos de sua doutrina de verdade e de amor.

Desse modo, a par do esforço sincero de quantos cooperam pelo ressurgimento da concórdia no mundo, voltemo-nos para as crianças de agora, cônscios de que muitos de nós seremos a infância do porvir. Organizemos o lar que forma o coração e o caráter, e a escola que iluminará o raciocínio.

Estejamos igualmente atentos à verdade de que educar não se resume apenas a providências de abrigo e alimentação do corpo perecível.

A Terra, em si mesma, é asilo de caridade em sua feição material. Governantes e sacerdotes diversos nunca esqueceram, de todo, a assistência à infância desvalida, mas são sempre raros os que sabem oferecer o abrigo do coração, no sentido de espiritualidade, renovação interior e trabalho construtivo.

Em nutrindo células orgânicas, não olvideis a alimentação espiritual imprescindível às criaturas.

No quadro imenso da transformação em que vossas atividades se localizam atualmente, a iniciativa de educação é de importância essencial no equilíbrio do mundo.

Cuidemos da criança, como quem acende claridades no futuro. Compareçamos, em companhia delas, à presença espiritual de Cristo e teremos renovado o sentido da existência terrestre, colaborando para que surjam as alegrias do mundo num dia melhor.

Emmanuel

ILHA DA PAZ

No oceano trevoso e desvairado
De provações da Terra de Amargura,
O Espiritismo é o porto abençoado
De alegria, de amor e de ventura . . .

Ilha calma de luz tranqüila e pura,
Onde há pão para todo esfomeado,
Consolação a toda a criatura,
Conforto e paz ao pobre deserddado;

Praia de sacrossanta claridade,
Em que os raios divinos da Verdade
Brilham sem fantasias e sem véus!

Caminho de esperança e de esplendor,
Por onde o coração do pecador
Deixa a treva do mundo e sobe aos céus! . . .

João de Deus

A OPORTUNIDADE

Em todas as direções do planeta, observamos o homem do mundo perseguindo as oportunidades.

De modo geral, todavia, as criaturas humanas não procuram senão a oportunidade de uma situação de evidência transitória na Terra.

Encontram-se apressados os que buscam as grandes ocasiões do dinheiro, dos títulos convencionais, das situações de destaque, dos desejos satisfeitos, sob o ponto de vista planetário. Os homens, identificados no mesmo ideal mundano, abraçam-se, na comunhão do interesse, nesses encontros fortuitos. Os demais saudam-se ligeiramente, em atitude suspeitosa, temendo a alheia intromissão nos seus inferiores desígnios.

Essa, a estrada comum da vida sobre a Terra. E os que passam contemplando o céu ou meditando na sabedoria da Inteligência Suprema que lhes facultou as belezas e utilidades do caminho, para os seus semelhantes inquietos não serão criaturas de seu tempo.

O homem vulgar, todavia, ainda não se capacitou de que essa corrida apressada não é mais que uma oportunidade para morrer. Morrer, segundo a carne e segundo o espírito também, porque as realizações materiais, quando não acompanhadas de finalidade edificante, no plano definitivo da alma, podem conduzir aos débitos mais escabrosos, em séculos de regeneração pungente e amarga.

Nessa movimentação desordenada das criaturas, muitas vezes, faz-se mister lançar mão de sagrados patrimônios da consciência, sufocando as tendências mais nobres, espezinham-se os melhores sentimentos.

Faltam a esses lutadores inquietos os valores legítimos da iluminação interior e é por isso que, frequentemente, vemos o político elevar-se para atender à maquinaria da destruição, formar-se o sacerdote para a defesa de vãos interesses, eleger-se o jurista para desviar o direito ou preparar-se o médico para confundir o problema da saúde.

Quase todas as criaturas marcham ansiosas, na valorização da oportunidade falsa, e chegam esgotadas ao término da luta, esbarrando na realidade da morte, desprevenidas e infelizes.

É que o homem ainda não quis compreender que a maior oportunidade não poderia sair da indigência de nossas mãos. Somos espíritos imperfeitos e não poderíamos criar a oportunidade perfeita para a felicidade real. Só a sabedoria e a magnanimidade de Deus podem conceder às nossas almas esse ensejo divino. E essa oportunidade sagrada é a da Vida. O berço mais pobre e o corpo mais deformado constituem essa concessão da Infinita Misericórdia. Representam a porta consoladora, por onde o espírito humano regressa à valorosa oficina de trabalhos que é a Terra. E somente quando a criatura sabe apreciar a extensão desse ensejo, lendo a cartilha do esforço próprio, nas sendas mais penosas da regeneração ou do aprendizado, terá descoberto a sua oportunidade definitiva de glorificação e paz, porquanto, não mais estará edificando sobre a areia das convenções do mundo, das pretensões científicas ou das galerias do falso conhecimento,

mas sim, na base imortal do sentimento e da justa razão.

Dentro dessas observações, devemos considerar que a mais elevada oportunidade de um homem é a sua própria existência e a vantagem real dessa bênção reside na iluminação definitiva do espírito.

O Mestre é Jesus.

A Escola é a Terra.

O Bem é o trabalho que aperfeiçoa.

O Adversário é tudo o que afaste a energia do serviço real com o Cristo.

Em vista dessas verdades, que o discípulo ponha mãos à obra de sua purificação e ninguém espere um céu que não edificou em si mesmo.

Emmanuel

CARTA FRATERNAL

Na leitura da parábola dos cegos

Meu amigo, o Espiritismo
É campo de vida e luz;
Não conserves sem trabalho
A idéia que te conduz.

Nessa lavoura bendita
De paz, harmonia e amor,
Cada qual tem a tarefa
Que lhe reserva o Senhor.

És médium? Sê diligente
No amoroso apostolado.
Mediunidade é serviço
Em nome do Mestre Amado.

Investigas a verdade?
Procura ver que ninguém
Deve andar observando
Sem propósitos no bem.

És curioso somente?
Não olvides, meu irmão,
Que a boa curiosidade
É nota de elevação.

És companheiro de luta?
Guarda a prece e a vigilância,
Quem é irmão de verdade
Nunca foge à tolerância.

És simples necessitado
Na sombra e no sofrimento?
Pondera a lei generosa
De esforço e merecimento.

És pregador? Meu amigo,
Foge à ilusão, foge à treva,
Que as palavras sem os atos
São folhas que o vento leva . . .

Doutrinas desencarnados?
Procura reconhecer
Que se vives ensinando
É necessário aprender.

Vens pedir alguma coisa?
Recorda, na dor terrestre,
Que o tesouro mais sublime
É a paz do Divino Mestre.

Nas alegrias, nas dores,
No mais simples dos misteres,
Poderás fazer o bem
No lugar onde estiveres.

Quem busque, de fato, a luz
Da existência verdadeira.
Não se apegue à fantasia,
Trabalha contra a cegueira.

Não foste chamado à fé
Para sonho ou distração,
Mas à justa atividade
De nossa renovação.

O aprendiz do Espiritismo
Não vive sem rumo, a esmo . . .
Tem Jesus por Mestre Amado
E a escola dentro em si mesmo.

Casimiro Cunha

MENSAGEM

Bem-aventurados os que removem espinheiros, os que adubam terrenos áspers, os que lavram o campo alegremente e semeiam nas leiras férteis partindo para a frente, entregando os resultados ao Senhor da Vinha!

Bem-aventurados os que se alimentam com o pão do espírito de serviço!

Bem-aventurados os que edificam as sendas do próximo, sem que o próximo lhes conheça a generosidade!

Inflamemo-nos, ainda e sempre, no ideal de servir com o Senhor.

De muito pouca utilidade seria nossa adoração a Jesus, se não a convertêssemos em atividade laboriosa e fecunda, em benefício de nossos irmãos. Em todos os lugares, muitos ensinam com as palavras, entretanto, raros atendem ao espírito eterno.

Nos mais variados caminhos, a fome de esperança invade as almas sem rumo...

E as nossas experiências seculares representam dias de marcha na divina jornada para Deus! A todo instante, viajores incautos reclamam roteiros. Suplicam socorro os famintos, os sedentos, os imprudentes que gastaram sem propósito edificante os patrimônios sagrados. De quando em quando, surgem aqueles que lhes podem atender as rogativas, mas os donos transi-

tórios do pão humano e os senhores dos roteiros intelectuais cobram a colaboração a dobrados preços de ouro. E, na maioria das vezes, a miragem surpreende os viajantes infelizes. Disfarçam-se misérias, dores e aflições, na convenção de mentirosos trajes.

É necessário que apareçam os semeadores do bem e os Samaritanos da fraternidade corajosos no sacrifício pelo desacordo com o mundo inferior e habilitados à cruz da redenção, suportando, com valor, o peso das responsabilidades tremendas, embora sintam, em torno, a crítica mordente e a ironia venenosa.

Compreendemos, portanto, a tarefa dos que se propõem às verdades divinas. Percorrendo os mesmos caminhos do Mestre, conhecerão imensas lutas, incompreensões ásperas e paisagens dolorosas... Todavia, o que repartem pela cooperação ser-lhes-á restituído em bênçãos, o que fornecem pelo conforto e esperança, receberão em energias, o que espalham pela fé ser-lhes-á devolvido em verdadeira e leal dedicação dos mensageiros da Divindade. Nos círculos mais baixos, trabalhos sacrificiais e testemunhos angustiosos, mas, na esfera superior, realizações e forças novas; entre os homens ignorantes, espinhos e pedradas, entre os Espíritos Esclarecidos, a fé, a sabedoria e a experiência; nas ansiedades terrestres, desilusões e renovações, mas, na realidade celeste, edificação e eternidade.

Somos a corrente de trabalhadores d'Aquele que, até hoje, nos ensina constantemente a servir. Necessitamos, nós outros, de ruídos e palavras. Ele, porém, nos ajuda em silêncio. Sofremos e lutamos. Ele aperfeiçoa sempre. Por vezes a perturbação nos assedia

o espírito. Ele, porém, é a Paz e a Harmonia Invioláveis.

Irmãos nossos muito amados, Jesus é o nosso Orientador Supremo.

Felizes de vós, toda vez que banhades o coração nas águas cristalinas do Evangelho da Redenção. Edificante ser-vos-á a experiência humana, proveitosas ser-vos-ão as lutas, santificadoras as alegrias, abençoadas as dores, sublimes as renúncias, benfazeja a mão do tempo e doce ser-vos-á o despertar!

Unamo-nos, pois, em torno do Senhor e, cumprindo-Lhe a divina vontade, louvemos o Seu nome para sempre!

Veneranda

PROVÉRBIOS ANTIGOS

Trabalha, atendendo a Deus,
Seja inverno ou primavera.
Recorda que o dia findo
Nunca mais se recupera.

Desconfia da bondade
De todo e qualquer irmão,
Que passa o dia a queixar-se
De espinhos da ingratidão .

Equilibra-te na estrada.
Não guardes excesso algum.
O lobo farto, igualmente,
No outro dia faz jejum.

Entende, primeiramente,
O que diga o companheiro.
Escuta silencioso
E fala por derradeiro.

Entre os servos de Jesus
Que sabem honrar seus brios,
Jamais há necessidade
De lisonjas e elogios.

O excesso de solidão.
Nas lutas da humanidade,
Pode ser muita virtude
Ou muita perversidade.

Não te esqueças que, entre os maus,
Enquanto há passas e figos,
Terás sempre, em derredor,
Bons vinhos e bons amigos.

Não te queixes contra a sorte,
No serviço edificante.
Não existe boa terra
Sem lavrador vigilante.

Enfrenta a luta sem medo . . .
Há muito pobre mortal
Que foge à fumaça negra
E cai no fogo infernal.

Guarda a língua no caminho
Usando a misericórdia . . .
O silêncio da humildade
Acende a luz da concórdia.

Aprende a ser venturoso
Com teus préstimos e dons.
Nem todos podem ser grandes
Mas todos podem ser bons.

Procede zelosamente
Na imitação de Jesus.
O demônio, muitas vezes,
Esconde-se atrás da cruz.

Casimiro Cunha

O CRISTÃO QUE VOLTOU

Conta-se que certo cristão de recuados tempos, após reconhecer a grandeza do Evangelho, tomou-se de profunda ansiedade pela completa integração com o Senhor. Ouvia, sequioso de paz celeste, as preleções dos missionários da Revelação Divina e, embora tropeçasse nos caminhos ásperos da Terra, permanecia em perene contemplação do Céu, repetindo:

— Jamais serei como os outros homens, arruinados e falidos na fé! Oh! meu Salvador, suspiro pela eterna união contigo!

De fato, conquanto não guardasse o fingimento do fariseu, em pronunciando semelhantes palavras, fixava as lutas e fraquezas do próximo, com indistigível horror. Assombravam-no os conflitos humanos e as experiências alheias repercutiam-lhe na alma angustiosamente. Não seria melhor retirar-se? ponderava amedrontado. Não seria razoável refugiar-se na oração e aguardar o encontro divino? Figurava-se-lhe o mundo velho campo lodoso, ao qual era indispensável fugir.

Concentrado em si mesmo, adotou o isolamento como norma a seguir no trato com os semelhantes. Desligado de todos os interesses do trabalho humano, vivia em prece contínua, na expectativa de absoluta identificação com o Mestre. Se alguma pessoa lhe dirigia a palavra, respondia receoso, utilizando mo-

nossílabos apressados. Pesados tributos de sofrimento exigia a vida de bocas levianas e insensatas e, por isso, temia oferecer opiniões e pareceres. Nas assembléias de oração, quase nunca era visto em companhia de outrem. Desviava-se de tudo e de todos na sua sede de Jesus Cristo. À noite, sonhava com a sublime união e, durante o dia, consagrava-se a longos exercícios espirituais, absorvido na preparação do dia glorioso.

Nem por isso, contudo, a vida deixava de acenar-lhe ao espírito, convidando-lhe o coração ao esforço ativo. No lar, no templo, na via pública, o mundo chamava-o a pronunciamento em setores diversos. Entretanto, mantinha-se inflexível. Detestava as uniões terrestres, desdenhava os laços afetivos que unem os seres, zombava de todas as realizações planetárias e punha toda a sua esperança na rápida integração com o Salvador. Se encontrava companheiros cogitando de serviços políticos, recordava os tiranos e os exploradores da confiança pública, asseverando que semelhantes atividades constituíam um crime. À frente de obrigações administrativas, afirmava que a segura e a dureza caracterizam a atitude dos que dirigem as obras terrenas e, perante os servidores leais em ação, classificava-os à conta de bajuladores e escravos inúteis. Examinando a arte e a beleza, desfazia-se em acusações gratuitas, definindo-as por elemento de exaltação condenável da carne transitória e, observando a ciência, menoscabava-lhe as edificações.

Unir-se-ia a Jesus, — ponderava sempre — e jamais entraria em acordo com a existência no mundo.

Se companheiros abnegados lhe pediam colaboração em serviços terrestres, perguntava:

— Para quê?

E acrescentava:

— Os felizes são bastante endurecidos para se aproveitarem de meu concurso, e os infelizes bastante desesperados, merecendo, por isso mesmo, a purificação pela dor. Não perturbarei meu trabalho, seguirei ao encontro de meu Senhor.

E de tal modo viveu apaixonado pela glória do encontro celeste que se retirou, um dia, do corpo, pela influência da morte, revestido de pureza singular. Na leveza das almas tranqüilas, subiu, orgulhoso de sua vitória, para ter com o Senhor e com Ele identificar-se para sempre.

No esforço de ascensão, passou por velhos desiludidos, mães atormentadas, pais sofredores, jovens sem rumo e espíritos infortunados de toda sorte... Não lhes deu atenção, todavia. Suspirava por Cristo, pretendia-lhe a convivência para a eternidade. Peregrinou dias e noites, procurando ansiosamente, até que, em dado instante, lhe surgiu aos olhos maravilhados um palácio deslumbrante. Luzes sublimes banhavam-no todo e, lá dentro harmonias celestes se fazem ouvir em deliciosa surdina.

O crente ajoelhou-se e chorou de júbilo intenso. Palpita-lhe descompassado o coração amante. Ia, enfim, concretizar o longo sonho.

Contudo, antes que se dispusesse a bater junto à portaria resplandecente, apareceu-lhe um anjo, diante do qual se prosterna, extasiado e feliz. Quis falar, mas não pôde. A emoção embargava-lhe a voz, todavia, o mensageiro afagou-lhe a fronte e exclamou compassivo:

— Jesus compadeceu-se de ti e mandou-me ao teu encontro.

— Estamos no Reino do Senhor? — inquiriu, afinal, o crente venturoso.

— Sim, respondeu o emissário angélico, — temos à frente o início de vasta região bem-aventurada do Reino.

— Posso entrar? — indagou o cristão contente.

O anjo fixou nele o olhar melancólico e informou:

— Ainda não meu amigo.

E ante o interlocutor, profundamente decepcionado, continuou:

— Realizaste a fiel adoração do Mestre, mas não executaste o trabalho do Pai. Teu coração em verdade palpitou pelo Cristo, entretanto, Jesus não se enfeita de admiradores apaixonados como as árvores que se adornam de orquídeas. Não pede cortejadores para a sua glória e sim espera que todos os seus aprendizes sejam também glorificados. Por isso, em sua passagem pela Terra nunca se afirmou proprietário do mundo ou doador das bênçãos. Antes, atendeu a todos os sublimes deveres do serviço comum e convidou os homens a cumprir os superiores desígnios do nosso Eterno Pai. Não deixou os discípulos diretos, aos quais chamou **amigos**, na qualidade de flores ornamentais de sua doutrina e sim na categoria de **sal** da Terra destinado à glorificação do gosto de viver.

Estabelecera-se longa pausa que o mísero desencarnado não ousou interromper. O mensageiro, porém, acariciando-o, com bondade, observou ainda:

— Volta, meu amigo, e completa a realização espiritual! Não procures Jesus como admirador apaixonado, mas inútil... Torna ao plano terrestre, luta, chora, sofre e ajuda no círculo dos outros homens! A dor conferir-te-á dons divinos, o trabalho abrir-te-á portas benditas de elevação, a experiência encher-te-á o caminho de infinita luz e a cooperação entregar-te-á tesouros de valor imortal! Não necessitarás, então, procurar o Senhor, como quem busca um ídolo, porque o Senhor te procurará como amigo fiel! Volta e não temas!

Nesse momento, algo aconteceu de inesperado e doloroso. Desapareceram o palácio, o anjo e a paisagem de luz... Estranha escuridão pesou no ambiente e, quando o pobre desencarnado tornou a sentir o beijo da luz nos olhos lacrimosos, encontrava-se, no mesmo lar modesto de onde havia saído, ansioso agora por retomar o trabalho da realização divina noutra forma carnal.

Irmão X

IDE, IRMÃOS!

O caminho é de penas e amargores,
Entre pedras e espinhos da impiedade;
Ide, porém, que o Mestre da Bondade
Caminha à frente dos trabalhadores.

Não temais aflições e dissabores...
É na sombra de dor que vos invade
Que acendereis a eterna claridade
Daquele Amor de todos os amores.

Servos fiéis, o Mestre generoso
Nunca viveu nos édens de repouso,
Enquanto cooperais na humana lida!

Ide com destemor, que Cristo Amado
Continua lutando ao nosso lado,
Por trazer-nos mais Luz, Verdade e Vida.

Bittencourt Sampaio

REVOLUÇÃO ESPIRITUAL

Dentro de suas atividades, nos tempos modernos, os espiritistas sinceros não podem desconhecer o sentido revolucionário da tarefa que lhes coube. Não no sentido de movimentação exterior ou de predicacões exaltadas na consideração de nossa mística reconfortadora, mas revolução em si mesmos, estendendo os benefícios colhidos a outras almas, no grande e abençoado labor educativo.

Necessitam eles de muito tempo ainda, na contagem dos anos sucessivos para a preparação de ambiente, no objeto de aplicar-se o ensinamento de modo coletivo. Não se atingirá a finalidade dos ideais elevados e luminosos que alimentam a doutrina, sem a formação da base espiritual, mantenedora da estabilidade das grandes realizações.

A revolução preconizada é toda de natureza espiritual, começando no **eu**, desenvolvendo-se no mundo individual, projetando assim mais luz no caminho da coletividade. Cada estudante da escola doutrinária deverá sentir em si mesmo o estímulo do aprendiz dedicado ao seu mestre, provando ao Senhor da Seara, com os seus sacrifícios próprios, o índice de aproveitamento pessoal.

Esse movimento, portanto, não requer armas, apoio político e outros auxílios necessários às organizações estritamente materiais. No problema, requer-

-se compreensão e sentimento, a fim de que a verdade relativa dilate os seus horizontes, dentro do próprio âmbito de conhecimentos do planeta. Não bastará, pois, a freqüência às reuniões ou a procura deste ou daquele concurso da doutrina, para que, em semelhante assunto, se arvore o leigo em sabedor de teorias espiritualistas. Requer-se o sentimento e a essência educativa, para que o ideal não se perca em seus grandiosos fins.

Os espiritistas estão vivendo a fase revolucionária... em si mesmos e, dentro dela, convém recordar que, para seguir o Divino Mestre, não é necessário escarificar as minas profundas da cultura complicada do século e nem é preciso condenar as demais doutrinas que não sentiram ainda o Evangelho Redentor. Sabemos que, no futuro, todas as filosofias terrestres estarão irmanadas em sua lição de simplicidade e amor. O que se faz imprescindível nos tempos que passam é a demonstração viva de cada discípulo, dentro do conceito profundo de sinceridade confirmando a firmeza de sua fé e a nobreza de sua convicção em afirmativas individuais de legítima compreensão.

Emmanuel

A LIÇÃO DA CANCELA

Enquanto brincava Alberto
Junto aos bancos do portal,
O touro bravo e forte
Avançou para o quintal.

O pequeno quis correr
Tentando defesa incerta,
Mas o touro atravessara
A grande cancela aberta.

Canteiros e vasos lindos,
Floridos e bem cuidados,
No curso de alguns momentos
Jaziam espatifados.

Alberto não resistiu
Ver a sanha do animal.
E, em pranto de desespero,
Busca a saia maternal.

Dona Gertrudes, porém,
Que via, aflita, o jardim,
Num gesto de proteção
Toma o filho e diz-lhe assim:

— Vês, Alberto, as nossas flores
Tombando, desprotegidas?
Sob os olhos, temos hoje
O quadro de nossas vidas.

Recorda, filho, que o touro,
Em força desesperada,
Penetrou-nos o jardim
Pela porta descuidada.

○

Notaste, neste desastre,
A lição que é forte e bela?
O touro nunca entraria
Se guardasses a cancela.

E, ao passo que o pequenino
Ouvia com atenção,
A mãezinha concluía
A doce observação:

— Quem deseje conservar
As luzes do sentimento
Necessita resguardar
A porta do pensamento.

Em nossa estrada, meu filho...
Há monstros destruidores...
Defendamos a cancela
Que protege nossas flores.

João de Deus

ORAI PELOS QUE VOS PERSEGUEM

O conselho de Jesus, no que se refere à oração pelos nossos perseguidores não se baseia tão-somente na lei universal da bondade para com os semelhantes.

Vai mais além. Fundamenta-se no princípio justo das correspondências.

O ódio, o crime, a calúnia segregam forças perniciosas e destrutivas. O perseguidor encarcera-se no abismo das inquietações; o criminoso, onde estiver, é prisioneiro da consciência, guardado pelo remorso, então transformado em sentinela vigilante; o caluniador envolve-se na peçonha dos próprios atos. Emitem pensamentos destruidores, como o pântano os elementos mortíferos.

Na lei das trocas, que rege todos os fenômenos da vida, os semelhantes atraem-se uns aos outros. Odiar aos que odeiam, retribuir o mal com o mal, seria abrir portas em nós mesmos à selvageria dos que nos convocam a suas fornas de trevas.

Alimentemos a chama benéfica que indique o caminho santo do bem mas evitemos o incêndio devastador que aniquila as possibilidades da vida. Contra a labareda criminosa do mal, façamos chover os pensamentos calmantes do bem.

Toda vez que a onda escura da perseguição nos procure envolver na luta digna, oremos e vigiemos. Encontrando-nos a resistência fraternal, voltarão os

fiéis negros aos seus próprios autores, encasulando-os em sua obra.

Orai pelos que vos perseguem e caluniam, acendei a luz dos pensamentos nobres no círculo de sombras dos que vos tentam confundir, certos de que a maldade é o inferno dos maus e que cada Espírito carrega na vida o abismo tenebroso ou a montanha de luz, dentro de si mesmo.

Emmanuel

MACROCOSMOS VERSUS MICROCOSMOS (1)

No macrocosmo, a Casa Planetária onde evoluem os homens terrestres é um simples departamento do nosso sistema solar que, por sua vez, é modesto conjunto da vida no rio de sóis da Via-Látea.

A Esfera da Crosta, em cálculo aproximado, dista 150 milhões de quilômetros da Sede Luminosa do Sistema, distância essa que é percorrida pela luz em 8 minutos e 15 segundos, na média de 300 mil quilômetros por segundo.

Se o homem encarnado tomasse um comboio expresso, com a velocidade de 100 quilômetros por hora em viagem, sem estações de parada, iria da Crosta à Sede do Sistema, aproximadamente em 170 anos, e atingiria a Lua, satélite próximo, em 166 dias. Se quisesse visitar os mundos vizinhos mais conhecidos, dependentes do mesmo Sol que lhes dá vida física, utilizando o mesmo veículo, gastaria 50 anos para chegar a Vênus, 76 para atingir Marte, 110 para alcançar Mercúrio, 740 para ir a Júpiter, 1.470 para pisar em Saturno, 3.160 para ganhar a crosta de Urano e 5.055 anos para alcançar a superfície de Netuno.

O nosso Sol é 1 milhão e 300 mil vezes maior que a Terra, mas comparado a outros pais de sistemas planetários, é astro humilde na brilhante comunidade

cósmica. Sírios é 12 vezes maior que ele, Capela 5.800 vezes maior. No diâmetro de Arctúrus caberiam milhares de sóis iguais ao nosso. Somente em Canópus poderiam aglomerar-se 8.760.

Estes, são dados estatísticos suscetíveis de verificação pelo olho humano, pálida visão da alma, encarnada nas leis organogênicas da estrutura celular, sem nos referirmos diretamente às esferas múltiplas, situadas em diferentes planos vibratórios, a expressarem-se em mundos maravilhosos, inacessíveis à observação terrestre, cidades divinas, ilhas bonançosas de aprendizado e repouso, lares de afeto e encantamento, círculos de trabalho, zonas retificadoras e campos evolutivos nos domínios eternos do Espírito.

No microcosmo, a Casa Orgânica, onde habita a alma humana em estágio passageiro de aprendizado e elevação, é formada por trilhões de células, obedecendo a diferentes disposições, alimentando-se em parte, de carboidratos e proteínas e quase que exclusivamente de princípios atmosféricos e de raios luminosos e invisíveis.

Esse corpo é senhor de uma cabeça para as instalações mentais, sustentada por uma coluna de 33 vértebras, representada pelo esqueleto que revela 4 formas diversas de articulações, no ombro, onde os ossos se movem para todos os lados, nas vértebras, em que se movimentam apenas em dois sentidos, nos dedos onde agem numa direção única e nos cotovelos, nos quais se movimentam em torno de seu eixo, à maneira de chave.

A habitação carnal da alma caracteriza-se por 3 andares distintos, o crânio, o tórax e o abdômen. Para edificá-la tecnicamente, constaria a construção de 33

elementos básicos, com 150 articulações e 1.000 ligamentos diversos.

A fim de mover os múltiplos serviços celulares, a Casa Orgânica precisa de um motor eletrônico, que é o coração, vigorosa maquinaria, colocada entre grandes artérias, habilitada a suportar a pressão de 20 atmosferas.

A Casa é mantida, em sua expressão física, pela corrente sanguínea, efetuada em dois percursos, coração-cérebro-corção e coração-pé-corção, gastando-se 8 e 18 segundos, respectivamente, em cada um dos percursos referidos.

O organismo, vivendo em altitude média de 240 metros terá, aproximadamente, 5 milhões de glóbulos vermelhos, em cada milímetro cúbico de sangue.

A moradia da alma precisa dos pulmões para a constante regeneração das células sanguíneas, ligados ao oxigênio atmosférico por um tubo de cerca de 15 centímetros, constituído pela cavidade nasal, sendo que a máquina física respira 20.000 litros de ar, diariamente; para sustentar a produção e a alimentação do sangue nos processos nutritivos, possui o corpo um aparelho digestivo, maravilhoso pela sua complexidade e sabedoria. Como fontes produtoras de substâncias químicas variadas e indispensáveis, a Casa Orgânica possui grande número de glândulas especializadas; a maior delas é o fígado, extraordinário aparelho elétrico da maquinaria física, que se compõe de um milhão de cones de um milímetro de comprimento.

Nos processos mentais de variada espécie, a moradia física dispõe de um telégrafo especial que é o sistema nervoso, a mais perfeita rede de comunicações,

em toda a superfície planetária da Terra, e, para todos os serviços técnicos de governo, distribuição, troca, controle e procriação conta o aparelho fisiológico com glândulas autônomas e especializadas, salientando-se que toda a Casa Orgânica do espírito reencarnado está revestida no agasalho da pele, da qual cada centímetro quadrado é verdadeira maravilha de construção, no campo vital.

Nesse universo microscópico, expresso na organização fisiológica, existem mundos de bacilos, prodigiosas cidades celulares-círculos educativos de seres infinitesimais, centros de preparação e evolução de infinitesimais, centros de preparação e evolução de infusórios, subordinados à direção do homem, filho inteligente de Deus.

Neste pequenino agrupamento de dados informativos, apresentamos pálida síntese de vastos conhecimentos que a ciência humana já conseguiu catalogar; entretanto, quase sempre cega para a luz divina, se lhe pedirmos a legítima solução dos problemas referentes ao destino humano, a ciência terrestre, com sorriso irônico, nos responderá que a existência de Deus e a imortalidade da alma são apenas duas hipóteses universais.

André Luis

(1) No presente trabalho existem afirmativas suscetíveis de maiores verificações e observações ao quadro de conclusões provisórias da ciência oficial, considerando-se a impossibilidade de particularizados apontamentos técnicos. — Nota do Autor Espiritual.

ACORDAI-VOS!

Não procurareis a fé na carne morta,
No montão de bactérias e de humores,
Que a sugestão das sombras exteriores
É fantasia que não reconforta.

Penetrai os caminhos interiores,
Onde a consciência ensina, ampara e exorta;
Lá dentro, encontrareis a chave e a porta
Para o mundo de excelsos resplendores.

Prender-se à teia obscura do sensório
É demorar no engano transitório,
Desde o primitivismo da caverna! . . .

Toda razão sem luz dorme infecunda,
E é na consciência lúcida e profunda
Que vibra o campo da verdade eterna.

A. dos Anjos

JESUS E NÓS OUTROS

Os corações, verdadeiramente interessados na realização divina da fé, à luz do Evangelho de Jesus Cristo, não podem esquecer a exemplificação do Mestre, se procuram, de fato, a redenção espiritual para a vida eterna.

Não raro, os discípulos menos avisados exigem companheiros completos e irrepreensíveis, olvidando que Jesus, para obter os colaboradores iniciais de sua obra, foi compelido a semear qualidades novas em seus corações, mobilizando exemplos, palavras e pensamentos.

A maioria dos crentes anseia por dias cor-de-rosa e noites azuis, cheios de tranqüilidade e sonhos belos; entretanto, o Senhor passou pelo mundo, vivendo dias e noites de trabalho e preocupações, que culminaram no sacrifício supremo.

Muitos estudiosos da fé reclamam guias solícitos, que os assistam e consolem, olvidando, contudo, que o Mestre desceu das esferas resplandecentes para converter-se no escravo de todos os homens.

Requisita-se a adesão absoluta e a colaboração fiel dos amigos do dia, esquecendo-se de que Jesus viu, de perto, a incompreensão e a fraqueza, entre os próprios cooperadores de apostolado.

Muitos trabalhadores solicitam entendimento e solidariedade nos momentos difíceis; todavia, não se recordam de que o Amigo Fiel da Humanidade esteve absolutamente sozinho nos testemunhos supremos.

Reclamam, irritadiços, a consideração social e o respeito alheio, mas se esquecem de que o Sublime Emissário recebeu publicamente a bofetada e o açoite, o desprezo e o ridículo.

Exigem que todas as pessoas lhes venerem a condição e lhes acolham as afirmativas, ainda mesmo quando essas pessoas, por incapacidade espiritual, não possam admiti-las ou aceitá-las; no entanto, olvidam que o Mestre, servindo a todos com igual amor, foi tido à conta de feiticeiro e agitador comum.

Muitas vezes, interessam-se pela adesão verbal de personalidades importantes, nas tabelas da convenção terrestres, distraídos, todavia, de que Jesus, no seu sacrifício, foi declarado pelo povo inferior a Barabás e crucificado entre ladrões.

Pedem tratamento distinto, atenções oficiais, deferências públicas e gentilezas populares, olvidando que o Cristo foi exibido no madeiro, seminu, diante da multidão sarcástica.

Finalmente, afligem-se e inquietam-se pela transformação imediata de familiares, amigos e vizinhos, completamente desmemoriados, por vezes, das necessidades espirituais que lhes são características, quando Jesus trabalha pelo mundo, não há dois milênios, mas desde o primeiro instante do Planeta Terrestre servindo e amando, sem recompensa dos beneficiários e sem reclamação das glórias que lhe competem, estendendo a sua mão invisível de Amigo Certo a homens e nações, instituindo o Reino de Deus, entre as criaturas, e dando sempre de Si Mesmo a cada um de nós outros, para que nos edifiquemos para a vida imortal.

Emmanuel

NA MISSÃO DO BEM

Se vais à missão do bem,
Destrói a sombra, a incerteza...
Repara as lições do Pai
No livro da Natureza.

A terra do lavrador,
Que produz e que prospera,
Não prescinde, em parte alguma,
Do arado que a dilacera.

A semente destinada
Às forças de luz da vida
Precisa morrer no fundo
Da cova desconhecida.

Se progride, em torno à casa,
O mato bruto, inclemente,
Ninguém dispensa o recurso
Da enxada benevolente.

Na colheita rica e farta,
Há golpes de segador...
A farinha delicada
Passou no triturador.

O pão singelo ou fidalgo
Que abençoa a refeição,

Foi cozido devagar
Ao calor de alta expressão.

Toda vinha de esperança,
De alegria, de fartura
Exige do vinhateiro
As chagas da podadura.

A mesa, o leito, a poltrona,
Que servem todos os dias,
Passaram pelos serrotes
De rudes carpintarias.

Ouve, amigo, e atende à luta!
Que seria do trabalho,
Se a bigorna escapulisse
Das vivas ações do malho?

Que seria da candeia
No instante justo de arder,
Se o óleo fadado à luz
Quisesse permanecer?

Se vais à missão do bem,
Não olvides, meu irmão,
Que o suor gera o serviço,
Em busca da perfeição.

Consome-te no dever,
Sê, tu mesmo, a claridade.
Jesus, para ser Senhor.
Foi servo da Humanidade.

Casimiro Cunha

A GRAÇA DO SENHOR

"A minha graça te basta"
II Coríntios: — 12-9.

Com a graça do Senhor,
a cruz salva;
o sacrifício enaltece;
a injúria santifica;
a perseguição beneficia;
a tempestade fortalece;
a dor redime;
o trabalho aperfeiçoa;
a luta aprimora;
o anátema estimula;
o dever nobilita;
o serviço dignifica;
a calúnia engrandece;
a solidão reconforta;
o obstáculo ensina;
o adversário ajuda;
a dificuldade valoriza;
o desgosto restaura;
a pedrada edifica;
o espinho corrige;
a humilhação eleva;
a ferida ilumina;
a cicatriz colabora;
a ironia constrói;

a incompreensão instrui;
o pranto limpa;
o suor melhora;
o desencanto esclarece;
a pobreza entesoura;
a enfermeira auxilia;
a morte liberta.

É razoável que muitos homens estejam à procura de dádivas transitórias do mundo, mas que o cristão não olvide o mais sublime dom da vida — a Graça do Senhor, base da felicidade real do discípulo fiel, onde quer que se encontre.

Emmanuel

EM VÃO

Crepita o incêndio, fulgurando em luzes,
Clarão atroz e lívido... Define-o
A guerra da ambição e do extermínio
Multiplicando as lágrimas e as cruces.

Homem da Terra, embora não te acuses
— Ashaverus da sombra e do assassinio —
Guardas, no mundo, o trágico domínio
De lama e lodo, a vômitos de obuses.

Em vão porém, a força tripudia
No livro eterno da sabedoria,
Luz que ilumina o mundo, ingrato e inerme...

Foge à treva de horrendos cativeiros,
Que as vitórias dos lobos carneiros
São triunfos efêmeros do verme.

A. dos Anjos

O ADVOGADO DA CRUZ

No mundo antigo, o apelo à Justiça significava a punição com a morte. As dívidas pequeninas representavam cativeiro absoluto. Os vencidos eram atirados nos vales imundos. Arrastavam-se os delinquentes nos cárceres sem esperança. As dádivas agradáveis aos deuses partiam das mãos ricas e poderosas. Os tiranos cobriam-se de flores, enquanto os miseráveis se trajavam de espinhos.

Mas, um dia, chegou ao mundo o Sublime Advogado dos oprimidos. Não havia, na Terra, lugar para Ele. Resignou-se a alcançar a porta dos homens, através de uma estrebaria singela.

Em breve, porém, restaurava o templo da fé viva, na igreja universal dos corações amantes do bem. Deu vista aos cegos. Curou leprosos e paralíticos. Dignificou o trabalho edificante, exaltou o esforço dos humildes, quebrou as algemas da ignorância, instituiu a fraternidade e o perdão.

Processaram-no, todavia, os homens perversos à conta de herético, feiticeiro e ladrão.

Depois do insulto, da ironia, da pedrada, conduziram-no ao madeiro destinado aos criminosos comuns.

Ele, que ensinara a Justiça, não se justicou; que salvara a muitos, não se salvou da crucificação; que

sabia a verdade, calou-se para não ferir aos próprios verdugos.

Desde esse dia, contudo, o Sublime Advogado transformou-se no Advogado da Cruz e, desde o supremo sacrifício, sua voz tornou-se mais alta para os corações humanos. Ele, que falava na Palestina, começou a ser ouvido no mundo inteiro; que apenas conversava com o povo de Israel, passou a entender-se com as várias nações do Globo; que somente se dirigia aos homens de pequeno país, passou a orientar os missionários retos de todos os serviços edificantes da Humanidade.

Que importam, pois, nos domínios da Fé, as perseguições da maldade e os ataques da ignorância? O Advogado da Cruz continua operando em silêncio e falará, em todos os acontecimentos da Terra, aos que possuam "ouvidos de ouvir".

Emmanuel

O SOL E A NEBLINA

Enquanto se desfazia
A neblina da manhã,
A pequena Carolina
Ouviu a voz da mamã.

Falava Dona Cacilda
Com desvelos maternos:
— “Existem no sol, filhinha,
Ensinos celestiais.

Não vias o véu da noite
Na estrada brumosa e fria?
Entretanto, a grande sombra
Foge, agora, em correria.

Todo o campo transformou-se
No milagre dum momento,
Bastando que o sol brilhasse
No lençol do firmamento.”

E enquanto a pausa materna
Se fazia demorada,
A menina carinhosa
Perguntou, interessada:

— “Onde os ensinos, mamã?
Quero ouvi-los, quero tê-los!”
Respondeu a mãe bondosa,
Afangando-lhe os cabelos:

— “Medita apenas num deles,
Muito simples, mas profundo . . .
A mentira, minha filha.
É a neblina deste mundo.

Mas os seus véus de ilusão
Só perturbam a existência,
Até que o Sol da Verdade
Ressurja na Consciência.”

João de Deus

O CONQUISTADOR DIFERENTE

Os conquistadores aparecem no mundo, desde as recuadas eras da selvageria primitiva. E, há muitos séculos, postados em soberbos carros de triunfo, exibem troféus sangrentos e abafam, com aplausos ruidosos, o cortejo de misérias e lágrimas que deixam à distância. Sorridentes e felizes, aceitam as ovações do povo e distribuem graças e honrarias, cobertos de insígnias e incensados pelas frases lisonjeiras da multidão. Vasta fileira de escritores congrega-se-lhes em torno, exaltando-lhes as vitórias no campo de batalha. Poemas épicos e biografias romanceadas surgem no caminho, glorificando-lhes a personalidade que se eleva, perante os homens falíveis, à dourada galeria dos semideuses.

Todavia, mais longe, na paisagem escura, onde choram os vencidos, permanecem as sementeiras de dor que aguardarão os improvisados heróis na passagem implacável do tempo. Muitas vezes, contudo, não chegam a conduzir para o túmulo as medalhas que lhes brilham no peito dominador, porque a própria vida humana se incumbe de esclarecê-los, através das sombras da derrota, dos espinhos da enfermidade e das amargas lições da morte.

Dario, filho de Hystape, rei dos persas, após fixar o poderio dos seus exércitos, impôs terríveis sofrimentos à Índia, à Trácia e à Macedônia, conhecendo,

em seguida, a amargura e a derrota, à frente dos gregos.

Alexandre Magno, por tantos motivos admirado na história do mundo, titulouse generalíssimo dos helenos, em plena mocidade e, numa série de movimentos militares que o celebrizaram para sempre, infligiu inomináveis padecimentos aos lares gregos, egípcios e persas; todavia, apesar das glórias bélicas com que desafiava cidades e guerreiros, fazendo-se acompanhar de incêndios e morticínios, rendeu-se à doença que lhe imobilizou os ossos em Babilônia.

Aníbal, o grande chefe cartaginês, espalhou o terror e a humilhação entre os romanos, em sucessivas ações heróicas que lhe imortalizaram o nome, na crônica militar do Planeta, contudo, em seguida à bajulação dos aduladores e à falsa concepção de poder, foi vencido por Scipião, transformando-se num foragido sem esperança, suicidando-se, por fim, num terrível complexo de vaidade e loucura.

Júlio César, o famoso general, que pretendia descer de Vênus e de Anchises, constituiu um dos maiores expoentes do engenho humano; submeteu a Gália e desbaratou os adversários em combates brilhantes, governando Roma, na qualidade de magnífico triunfador; no entanto, quando mais se lhe dilatava a ambição, o punhal de Bruto, seu protegido e comensal, assassinou-o, sem comiseração, em pleno Senado.

Napoleão Bonaparte, o imperador dos franceses, depois de exercer no mundo uma influência de que raros homens puderam dispor na Terra, morre, melancolicamente, numa ilha apagada, ao longo da vastidão do mar.

Ainda, hoje, os conquistadores modernos, depois dos aplausos de milhões de vozes, após a dominação em que se fazem sentir, magnânimos para os seus amigos e cruéis para os adversários, espalhando condecorações e sentenças condenatórias, caem ruidosamente dos pedestais de barro, convertendo-se em malfeitores comuns, a serem julgados pelas mesmas vozes que lhes cantavam louvores na véspera.

Todos eles, dominadores e tiranos, passam no mundo, entre as púrpuras do poder, a caminho dos mistérios do sofrimento e dos desencantos da morte. Em verdade, sempre deixam algum bem no campo das relações humanas, pelas novas estradas abertas e pelas utilidades da civilização, cujo aparecimento aceleram; todavia, o progresso amaldiçoa-lhes a personalidade, porque as lágrimas das mães, os soluços dos lares desertos, as aflições da orfandade, a destruição dos campos e o horror da natureza ultrajada, acompanham-nos, por toda parte, destacando-os com execráveis sinais.

Um só conquistador houve no mundo, diferente de todos pela singularidade de sua missão entre as criaturas. Não possuía legiões armadas, nem poderes políticos, nem mantos de gala. Nunca expediu ordens a soldados, nem traçou programas de dominação. Jamais humilhou e feriu. Cercou-se de cooperadores aos quais chamou **amigos**. Dignificou a vida familiar, recolheu crianças desamparadas, libertou os oprimidos, consolou os tristes e sofrendores, curou cegos e paralíticos. E, por fim, em compensação aos seus trabalhos, levados a efeitos com humildade e amor, aceitou acusações para que ninguém as sofresse, submeteu-se à prisão para que outros não experimentassem a angústia do

cárcere, conheceu o abandono dos que amava, separou-se dos seus, recebeu, sem revolta, ironias e bofetadas, carregou a cruz em que foi imolado e a sua morte passou por ser a de um ladrão.

Mas, desde a última vitória no madeiro, tecida em perdão e misericórdia, consolidou o seu infinito poder sobre as almas e, desde esse dia, Jesus Cristo, o conquistador diferente, começou a estender o seu divino império no mundo, prosseguindo no serviço sublime da edificação espiritual, no Oriente e no Ocidente, no Norte e no Sul, nas mais variadas regiões do Planeta, erguendo uma Terra aperfeiçoada e feliz, que continua a ser construída, em bases de amor e concórdia, fraternidade e justiça, acima da sombria animalidade do egoísmo e das ruínas geladas da morte.

Irmão X

VELHOS RIFÕES

Que a maravilha dos grandes
Não te sirva de embaraço.
A jornada por mais longa,
Começa sempre de um passo.

Sem vida nova em Jesus
Nossa crença é muito estranha . . .
A raposa muda a pele
Conservando a velha manha.

Benefício acompanhado
De censura ou de papel
É bebida indesejável
Que sabe a vinagre e fel.

Na verdade, Deus é bom
Mas se o filho é rude e mau,
Por vezes, descem do céu
Pedra e fogo, corda e pau.

A ventura de quem vive
De maldade e vilipêndio
É como a luz passageira
Que nasce de um grande incêndio.

Evita imitar no mundo
Os homens apaixonados
Que tratam alguns por filhos
E aos outros por enteados.

Não te esqueças da prudência
E aprende a falar talvez.
Crendo em tudo quanto escutas
Tropearás muita vez.

No serviço alegre e são
A tua força concentra.
À porta de quem trabalha
A fome espreita e não entra.

Fala pouco de ti mesmo,
Pois saúde e geração
Se forem muito apurados
Só trazem perturbação.

Não te rias de quem chora.
Toda dor faz ida e vinda
E a botija de vinagre
Tem muito vinagre ainda.

Casimiro Cunha

JESUS E CÉSAR

Que seria do Cristianismo se Jesus recorresse à proteção de César? Possivelmente, alguns patrícios simpáticos à nova doutrina se encarregariam da obtenção do alto favor. Legiões de soldados viriam garantir o Messias e os amigos do Evangelho alinhar-se-iam à força da espada, não mais de ouvidos espontâneos, mas com a atenção absorvida na postura oficial. Pedro e João, Tiago e Felipe adotariam certas normas de vestir, segundo os programas imperiais, e o próprio Cristo, naturalmente, não poderia ensinar as verdades do Céu, sem prévia audiência das autoridades convencionalistas da Terra. Provavelmente, o Mestre teria vencido exteriormente todos os adversários e dominaria o próprio Sinédrio.

Mas... e depois?

Sem dúvida, *ter-se-ia* fundado expressiva e bela organização político-religiosa, repleta de preceitos filosóficos, severos e regeneradores. Mateus teria envergado a túnica do escriba estilizado, enquanto Simão gozaria de honras especiais e o próprio Jesus passaria à condição de um Marco Aurélio, cheio de austeridade e nobreza, interessado em ensinar a justiça e a sabedoria, mas em cujo reinado se verificariam perseguições das mais terríveis e sangrentas ao Cristianismo, sem que as ocorrências dolorosas lhe merecessem consideração.

O Mestre, contudo, compreendia a necessidade das organizações humanas, exemplificou o respeito à ordem política, mas, acima de tudo, serviu ao Reino de Deus, de que era representante e portador, neste mundo de experiências provisórias, dirigindo seu Evangelho de Amor, não só ao homem físico, mas essencialmente ao homem espiritual.

Sabia Ele que as organizações religiosas, propriamente ditas, existiam entre as criaturas, muito antes dos templos de Baal. Urgia, porém, entregar aos filhos da Terra a herança do Céu, integrá-los na doutrina viva do bem e da verdade, estabelecer caminhos entre a sombra e a luz, aperfeiçoar caracteres, purificar sentimentos, elevar corações, instituir a universidade do Reino de Deus e sua justiça. Entendia que a sua obra era de sementeira, germinação, crescimento, tempo e trabalho constante.

E plantou com o seu exemplo o Cristianismo sublime no campo da Humanidade, ensinando o acatamento a César, cooperando no aperfeiçoamento de suas obras, mas fazendo sentir que César constituía a autoridade respeitável no tempo, enquanto o Pai guarda o poder divino na eternidade.

Na exemplificação do Cristo, o Espiritismo evangélico, na sua condição de Cristianismo redivivo, deve procurar as suas diretrizes, edificantes no terreno da nova fé. As organizações políticas, de natureza superior, são sempre dignas e respeitáveis e todos os seguidores do Evangelho devem honrar-lhes os programas de realização e progresso coletivo, acatando-lhes as instituições e contribuindo para o seu engrandecimento, na esfera evolutiva, mas não se pode exigir, da

política de ordem humana, a solução dos problemas transcendentais de ordem espiritual.

Na atualidade do mundo, o Espiritismo é aquele Consolador prometido, enfeitando nova e bendita oportunidade de redenção. Em seu campo doutrinário, a verdade de Deus não está algemada, seus felizes estudantes e seguidores podem aquecer o coração ao sol da liberdade íntima, sem obstáculos na marcha da consciência para a realização divina.

Aos spiritistas dos tempos novos, portanto, surgem lições vivas, que não podem relegar ao esquecimento.

O sacerdócio organizado costuma ser o cadáver do profetismo. Oculto externo nem sempre favorece a luz da revelação. A teologia, na maior parte das vezes, é o museu do Evangelho.

Urge, pois, em todas as circunstâncias, não olvidar Aquele que auxiliou romanos e judeus, atendendo ao povo e respeitando as autoridades, dando a César o que era de César e a Deus o que é de Deus, ensinando, porém, que o seu reino ainda não é deste mundo.

Emmanuel

OUVE, IRMÃO DE MINHA'ALMA

(Aos amigos da Casa Espírita)

Seja o bem o roteiro aberto em luz
Que te eleve ao domínio superior,
Onde a mensagem fúlgida do amor
Cante a bondade eterna de Jesus.

Fraternidade é a bênção do Senhor,
Que dá pão ao faminto e veste aos nus,
Mão generosa e amiga que conduz
Remédio santo que alivia a dor.

Não dês pedra por pedra, mal por mal.
O amor é a lei profunda do coração,
Que ampara a Terra e ascende a luz no Além.

Se te envolvem as sombras da aflição,
Se procuras a paz do coração,
Ouve, irmão de minh'alma: — faze o bem.

João de Deus

INTERROGAÇÃO DO MESTRE

"Que aproveita ao homem granjear o mundo todo, perdendo-se ou prejudicando a si mesmo?"

Jesus — Lucas: — 9-25.

Em verdade, com a força associada à inteligência, pode o homem terrestre —

revolver o solo planetário,
sugar os benefícios da Terra,
incentivar interesses personalistas,
erguer arranha-céus nas cidades maravilhosas,
construir palácios para o ninho doméstico,
elevar-se ao firmamento em máquinas possantes,
consultar os abismos do mar,
atravessar oceanos em navios velozes,
estender utilidades no plano da civilização,
criar paraísos de fantasias para os sentidos corporais,
monopolizar os negócios do mundo,
abrir estradas, ligando continentes e povos,
conversar à distância de milhares de quilômetros,
dominar o dia que passa em carros de triunfo,
substituir os ídolos de barro no altar da ilusão,
formar exércitos poderosos, consagrados à morte,
forjar espadas e canhões,
ditar duras leis aos mais fracos,

gritar a palavra de ódio em tribunas de ouro,
exercer a vingança, oprimir, gozar, amaldiçoar...
Em verdade, o homem, usufrutuário da Terra, e depositário da confiança de Deus, pode fazer tudo isso, contudo, que lhe aproveitará tamanha exaltação se, distraído de si mesmo, se vale das glórias da inteligência para precipitar-se nos despenhadeiros da treva e da morte?

Emmanuel

A GRANDE VITÓRIA

Reacendem-se os fogos da batalha,
Chora de angústia o mundo miserando,
Caim passa, de novo, dominando
A civilização que se estraçalha . . .

As bastardas paixões gritam em bando,
Misturando-se ao coro da metralha,
Tudo pavor e morte, sem que valha
A voz da fé no vórtice nefando.

Sobre as filosofias dos compêndios.
Há misérias, canhões, trevas, incêndios,
Desventuras que o homem não socorre!

Mas o Cristo, que nunca desespera,
Ama sempre e elabora a nova era
Na vitória do bem que nunca morre.

A. dos Anjos

NO CAMPO DA MEDIUNIDADE

O cérebro físico é aparelho de complicada estrutura. Constitui-se de células emissoras e receptoras, que servem nos mais diversos centros mentais, reguladores da vida orgânica. Imantam-se, dentro dele, poderosas correntes magnéticas, a flutuarem sobre o líquido cérebro-espinhal, como a engrenagem de um motor em óleo adequado, produzindo vibrações elétricas com a frequência de dez a vinte por segundo. Daí parte infinidade de ordens, endereçadas ao sistema nervoso, ao aparelhamento endocrínico e aos órgãos diversos.

O cérebro, porém, tal qual é conhecido na Terra, representa a parte visível do centro perispiritual da mente, ainda imponderável à ciência comum, no qual se processa a elaboração do pensamento, que escapa à conceituação humana.

Referimo-nos a semelhante quadro para comentar a necessidade da cooperação do servidor mediúnico, ao intercâmbio entre os dois planos, visível e invisível. A tese do animismo, não obstante respeitável, pelas excelentes intenções que a inspiraram, muita vez desencoraja os companheiros, chamados a testemunhos de serviço, no ministério da verdade e do bem. Os investigadores rigoristas não favorecem o esforço dos médiuns bem intencionados; na maioria das ocasiões destroem-lhes os germes de boa vontade e realização,

com as suas exigências particularistas, no capítulo da minudência, da gramática, da adivinhação.

A organização mediúcnica, entretanto, como as demais edificações elevadas, não se improvisa no caminho da vida. E o médium não é uma inteligência ou uma consciência anuladas nas exteriorizações fenomênicas da comunicação entre as duas esferas. Ainda no chamado sonambulismo puro, no transe completo e nas hipnoses mais profundas, a colaboração dele será manifesta e indispensável. A energia da usina longínqua precisa do filamento da lâmpada, em que se manifesta, produzindo luz e calor. O artista, para arrancar a melodia perfeita, necessita de cordas afinadas firmes no violino que lhe empresta o concurso na demonstração musical. A mensagem do cantor ou do político requer o aparelho de recepção para ser ouvida à distância. Exige a lâmpada características especializadas na fabricação, o violino requisita grande experiência e cuidado de manufatura e o receptor radiofônico pede extensa cópia de material elétrico para atender à finalidade que lhe é própria.

Se em semelhantes serviços de transmissão, à base de matéria comum, há imperativos de técnicos e organização, como improvisar um mecanismo mediúnico, no qual a base de matéria viva associada a elementos espirituais, ainda imponderáveis à ciência humana, exige a construção da vontade com os valores da co-
operação?

Edificar a mediunidade constitui uma obra digna do esforço aliado à perseverança no espaço e no tempo.

Um habitante de esfera diferente necessita valer-se dos recursos que lhe oferece o cooperador identi-

ficado com o círculo, onde pretende fazer-se sentir. Trata-se de imposição vulgar nas próprias relações entre países terrestres, de cultura diversa. O brasileiro que precise conduzir certa mensagem à Inglaterra, desprovido de contacto anterior com a vida britânica, de modo algum dispensará o intérprete e esse intermediário para cumprir a tarefa deve preparar-se devidamente.

Adaptar-se uma entidade desencarnada ao cérebro, ao sistema nervoso e aos núcleos glandulares do companheiro encarnado, ajustando peças biológicas e eliminando resistências celulares, sem nos referirmos aos processos mentais, inacessíveis à compreensão atual dos fenômenos, não é operação matemática que se efetue através dos cálculos de alguns instantes. É organização paciente, requisitando muito concurso e devotamento por parte dos amigos em serviço na Crosta Planetária.

E, assim afirmando, convidamos os colaboradores sinceros do Espiritismo Evangélico a dedicarem maior atenção à chamada **mediunidade consciente**, dentro da qual o intermediário é compelido a guardar suas verdadeiras noções de responsabilidade no dever a cumprir. Cultive cada trabalhador o seu campo de meditação, educando a mente indisciplinada e enriquecendo os seus próprios valores, nos domínios do conhecimento, multiplicando as afinidades com a esfera superior e observará a extensão dos tesouros de serviço que poderá movimentar a benefício de seus irmãos e de si mesmo. Sobretudo ninguém se engane relativamente ao mecanismo absoluto em matéria de mediunidade. Todo intérprete da espiritualidade, consciente ou não, no decurso dos processos psíquicos,

é obrigado a cooperar, fornecendo alguma coisa de si próprio, segundo as características que lhes são peculiares, porquanto se existem faculdades semelhantes, não encontramos duas mediunidades absolutamente iguais.

Lembremo-nos de que não nos achamos empenhados em edificações exteriores, onde a forma deva sacrificar a essência e onde a letra asfixie o espírito, e sim na construção de um mundo melhor, nos círculos de experiência para a vida eterna. Guarde cada colaborador do Espiritismo Cristão a consciência, a responsabilidade e o espírito de serviço, à maneira de riquezas celestes que é necessário valorizar e multiplicar. Não nos esqueçamos de que, segundo a profecia, através dos canais mediúnicos, o Senhor está derramando a sua luz sobre a carne, mas que é preciso purificar o vaso carnal e enriquecer a mente, a fim de que o homem terrestre seja, de fato, o intérprete fiel da divina luz.

André Luís

FALA CONTIGO

Quando as nuvens do sofrimento
Invadirem teu céu mental,
Não desfaças a sombra em trovões e coriscos,
Fulminando corações em derredor...
Poderias aniquilar
Muitos germes da fé,
Muitas flores tenras da esperança.

Buscar o refúgio do silêncio e medita...
E quando a serenidade acolher-te em seu manto,
Fala contigo mesmo,
Conversa com a tua própria ira,
Põe diante dos olhos sua figura sombria,
Dize-lhe que talvez teu irmão
Sinta fome de pão ou sede de carinho
Sem que ninguém lhe conheça o heroísmo obscuro!
Talvez esteja exausto
À procura das oportunidades que te sorriem desde
muito,
Incapaz de suportar, por mais tempo, as lutas que lhe
parecem intermináveis...
Possivelmente,
Não iniciou a existência com os recursos felizes de
teu começo
E viverá revoltado, entre os espinhos da ignorância.

Quem sabe?
Dize à tua cólera
Que o pobrezinho é desfavorecido e infeliz,
Provavelmente, nunca recebeu
Um beijo de mãe, um carinho de esposa, a ternura de
um filho,
Um abraço de irmão, o afeto de um amigo,
Talvez
Esteja perseguido em si mesmo
Pelos demônios da inconformação!

Comunica-lhe tuas impressões fraternais no grande
silêncio...

Tua cólera ouvirá, chorando de dor
E as lágrimas benditas
Lavar-lhe-ão a túnica negra
Que resplandecerá de alvura e de beleza...

Em seguida,
Voltará ao teu coração,
Plenamente transformada.
Deixará seus títulos, seus direitos e honrarias,
Esquecerá toda ofensa, toda injúria, toda dor...
Mudará o próprio nome
E chamar-se-á Compreensão,
Compreensão gloriosa e sublime,
Filha de Deus,
Irmã da Humanidade e Serva da Natureza,
Para a Vida Imortal...

Alma Eros

LIBERDADE ESPIRITUAL

Como poderá a criatura adquirir a sua liberdade?

Muitos de vós que atualmente na Terra lutais e sofreis, no círculo doloroso das penas e trabalhos terrestres, ignorais que o cárcere de hoje é a vossa emancipação de amanhã, na existência real.

Freqüentemente, de coração oprimido e de alma alanceada nos tormentos purificadores, o homem exclama: — **Senhor, não é possível lutar por mais tempo... as dores transbordaram e não posso ir adiante...!**

É preciso, porém, saber conduzir a cruz das provas salvadoras. A todos concedeu o Senhor o quinhão de forças necessárias. Sabe Jesus onde se derrama a lágrima obscura, fazendo brotar, ao seu lado, a flor perfumada da resignação e da esperança e todos os padecimentos e dificuldades terrestres têm sua causa justa, ainda que temporariamente inacessível ao entendimento de vossas consciências, adormecidas na reencarnação.

Desejais a tranqüilidade, a aspiração satisfeita, o sonho realizado, a paz e a fartura... mas vos esqueceis de que viestes ao mundo para a reparação ou aprendizado, em que as dores são elementos vitais de toda a conquista para a felicidade futura. Adquirireis, portanto, a vossa emancipação e a vossa liber-

dade sagradas, suportando com heroísmo as amarguras e as experiências que a Terra vos oferece.

No oceano encapelado, cheio de perigos, aprende o marujo a dominar tempestades.

Aprendizes da escola do sofrimento, num mundo onde toda posse material é precária e transitória, sabeis que apenas o ouro sagrado da experiência na dor e no trabalho pode comprar o palácio de vossa liberdade.

Emmanuel.

DA SABEDORIA POPULAR

Evita o excesso de adorno.
De ovelha muito louçã
Toda gente se aproxima
E todos desejam lã.

Quando ouvires descrições
De dinheiro e santidade,
Escreve as anotações
Na metade da metade.

Deus te guarde de boi manso
Que até hoje vive em paz,
Que do touro bruto e bravo
Tu mesmo te guardarás.

Procura falar no fim.
Espera . . . Ao cair dos muros
Aparecem, muitas vezes,
Serpentes, pedras, monturos.

Quem, na casa paternal,
Nunca sofre, nem atura,
Em chegando ao mundo vasto
Espere por desventura.

Não peças à Providência
Muito almoço, muita ceia,
Que de carne farta e gorda
A sepultura está cheia.

De nada valem bons verbos
E códigos de bom-tom,
Se viveres falando a esmo
Sem praticar o que é bom.

No serviço edificante
Seja onde for, sê bem-vindo!
Recorda que enquanto dormes
Teu trabalho está dormindo.

Não te dês à bajulice.
O mais infeliz cortezão
Perde a paz da vida livre
E acaba na escravidão.

Se resistires à verdade,
Sarcástico, altivo e forte,
Serás por ela esperado
No campo de dor da morte.

Casimiro Cunha

O MESTRE E AS OPINIÕES

Quando Jesus, consagrando as alegrias familiares e o culto sublime da união doméstica, transformou a água em vinho, nas bodas de Canaã, cercaram-no os imensos tentáculos da falsa opinião, pela primeira vez, na fase ativa de seus apostolado. Por que semelhante transformação? Seria possível converter a água pura em vinho, destinado à embriaguez?

Procurando companheiros para a missão de luz e sendo escarnecido pelos sacerdotes, juízes e doutores de seu tempo, buscou o Mestre a companhia simples e humilde dos pescadores. A maledicência, contudo, não lhe perdoou o gesto. Que motivo induzia aquele missionário a socorrer-se de homens iletrados e rudes, que costumavam espreguiçar-se nas barcas velhas?

Instituiu a alegria e o bom ânimo, a confiança mútua e o otimismo entre os discípulos; entretanto, o farisaísmo recriminava-lhe a conduta. Que instrutor era aquele, que não jejuava nem mantinha preceitos rigoristas?

Atendia a multidão de sofreadores, dos quais se compadecia sinceramente, ministrando-lhes consolações e ensinamentos; todavia, o fanatismo criticava-lhe as atitudes. Não seria ele revolucionário perigoso? Desrespeitava a lei, curando cegos e paralíticos, nas horas destinadas ao repouso.

Socorria os obsidiados de todos os matizes, conferindo-lhes tranqüillidade aos corações; no entanto, a ignorância não o desculpava. Que razões o detinham no esclarecimento aos espíritos das trevas? Não teria combinações secretas com Satanás?

Interessou-se pela renovação espiritual de Madalena. Os próprios amigos estranharam-lhe o conduta. Por que tamanha atenção para com uma pecadora comum?

Aceitou o oferecimento gentil dos publicanos, comendo à mesa de pessoas afastadas da lei; todavia, a perversidade não lhe compreendeu a disposição fraterna. Não seria ele simples comilão e beberrão?

Dedicou longa palestra à samaritana pobre e desviada. A malícia, porém, não lhe entendeu a lição divina. Por que se demorava em conversação com semelhante mulher, que já possuía cinco maridos?

Ensinava as verdades eternas, por amor às criaturas, mas, não raro, ao terminar as pregações sublimes, a desordem estabelecia tumultos. Não era ele anônimo operário de Nazaré? A que títulos poderia aspirar, além da carpintaria da sua infância?

Confiando nos companheiros, falou-lhes do seu testemunho, diante das verdades do Pai, prevenido lutas, desgostos, sacrifícios e humilhações; todavia, a inconformação apossou-se do próprio Pedro e choveram protestos. Por que o anúncio descabido de tantas flagelações e tantas dores? Não era o sofrimento incompatível com a realização de um Messias que vinha de tão alto? Não teria Jesus enlouquecido?

Diante da revolta de Simão, em frente dos varapaus, pediu-lhe o Mestre serenidade e sensatez, para que não fosse perdido o ensejo da suprema fidelidade

a Deus, mas a incompreensão se manifestou de pronto. Por que socorrer inimigos e verdegos? Como entregar-se sem defesa à perseguição dos sacerdotes? Como interpretar semelhante covardia, no momento mais vivo da missão nova? Não seria melhor desertar, entregando o Mestre à sua sorte?

Até o derradeiro instante na cruz, ouviu o Senhor as mais estranhas opiniões, os mais contraditórios pareceres do mundo, mas a todos respondeu com o bendito silêncio de seu amor, porque bem sabia que, acima de tudo, lhe cumpria atender à Vontade do Pai e que os homens só poderiam compreender-lhe o trabalho augusto, à medida que desenvolvessem os **ouvidos de ouvir** e os **olhos de ver**, a capacidade de sentir e a resolução de se realizarem espiritualmente, à luz do Evangelho no longo caminho de sucessivas reencarnações.

Emmanuel

O RÉU DA CRUZ

Em meio às perseguições
Da noite fria e sem luz,
Meus amigos do Evangelho,
Lembraí-vos do Réu da Cruz.

Sem que alguém lhe concedesse
O canto amigo de um lar,
Nasceu numa estrebaria
Por servir e por amar.

Desde a infância humilde e pobre
Na casa de Nazaré,
Trabalhava todo o dia
Entre os formões de José.

Ele, o Príncipe da Luz,
Caminho, Vida e Verdade,
Fez-se escravo pequenino
No serviço à humanidade.

Foi Messias generoso
Da bondade e do perdão,
Trazendo ao mundo oprimido
A grande renovação.

Serviu aos ricos e aos pobres,
Ao infeliz, ao sofredor,

Devotou-se a toda gente
Em sua missão de amor.

Revelou a paz do Reino
Da verdade e da Bonança,
Fez brilhar na Terra escura
Novo lume de esperança.

À cegueira dos caminhos
Trouxe a luz pura e imortal,
Pelo Evangelho da Vida
Curou a lepra do mal.

Expulsou a treva espessa,
Viveu a bondade imensa,
Trouxe a bênção da fé viva,
Trabalhou sem recompensa.

Mas, em troca dos tesouros
De sua abnegação,
Recebeu pedras e espinhos
De dor e incompreensão.

Foi traído e processado,
Encarcerado e ferido,
Ele, o Mestre da Verdade,
Foi o grande escarnecido.

Se também sois humilhados,
Lembraí-vos d'Aquele Réu,
Que foi à cruz pelo crime
De abrir a visão do Céu.

A IRONIA E A VERDADE

Nas grandes horas, nunca falta a ironia, em derredor dos servidores da Verdade Eterna. E, para confortar os seus seguidores, suportou-a Jesus, heroicamente, no extremo testemunho. Amara a todas as criaturas de seu caminho, com igual devotamento, servira-as, indistintamente, entregando-lhes os bens de Deus, sem retribuição, exemplificara a simplicidade fiel e multiplicara os beneficiários de todos os matizes, em torno de seu coração por onde passasse. Desdobrava-se-lhe o Apostolado Divino, sem vantagens materiais e sem interesses inferiores, mas os homens arraigados à Terra não lhe toleraram as revelações do Céu. Porque não podiam destruir-lhe a verdade, entregaram-no à justiça do mundo e, tão logo organizado o processo infamante, a ironia rondou o Senhor até a crucificação.

Trouxera o Evangelho Libertador à Humanidade e recebeu a calúnia e a perseguição.

Ele, que ouvia a Voz Suprema, foi preso por varapaus.

Distribuíra benefícios para todos os séculos, contudo, foi segregado num cárcere.

Vestira as almas de esperança e paz, no entanto, impuseram-lhe a túnica do escárnio.

Ensinara sublimes lições de renúncia e humildade e foi submetido a perturbadores interrogatórios pelos acusadores sem consciência.

Rompera as algemas da ignorância, entretanto, foi coagido a aceitar a cruz.

Coroou a frente dos semelhantes com a luz da libertação espiritual, todavia, foi coroado de espinhos ingratos.

Oferecera carícias aos sofredores e desamparados do mundo, recebendo açoites e bofetadas.

Fundara o Reino do Amor Universal e obrigaram-no a empunhar uma cana à guisa de cetro.

Ensinou a ordem entre os homens pela perfeita fidelidade ao Supremo Senhor e o boato lhe pôs na boca expressões que nunca pronunciou.

Abriira na Terra a fonte das Águas Vivas, entretanto, deram-lhe vinagre quando tinha sede.

Ele que amara a simplicidade, a religião e o respeito, foi crucificado seminu, sob o cuspo da perversidade, entre dois ladrões.

Jesus, porém, sentindo embora a ironia que o cercava, não reclamou, nem feriu a ninguém, não comprometeu os companheiros, nem exigiu a consideração de seus deveres. Compreendeu a ignorância dos homens, rogou para eles o perdão do Pai e dirigiu-se a outros trabalhos, no seu divino serviço à Humanidade.

Nenhum servidor fiel do bem, portanto, escapará ao assédio da ironia. É preciso, porém, recordar o Mestre, evitar o escândalo, pedir ao Supremo Pai pelos escarnecedores infelizes e continuar trabalhando com o Senhor, dentro da mesma confiança do primeiro dia.

Emmanuel

MISSIONÁRIO

Lembrando Allan Kardec

Pés sangrando no trilho solitário,
Dilacerado, exânime, proscrito,
— Ave do sonho em montes de granito —
Assim passa no mundo o Missionário.

Incompreendido e estranho visionário,
Contendo, a custo, o peito exausto e aflito,
Vai carregando as glórias do Infinito,
Entre as chagas e as sombras do Calvário.

Longas jornadas, ásperos caminhos,
No campo de grilhões, trevas e espinhos,
Onde semeia o trigo da Verdade! . . .

Virão, porém, os dias da colheita
E os celeiros da luz pura e perfeita
No Divino País da Eternidade.

Cruz e Souza

O TEMPO

Todas as criaturas gozam o tempo — raras
aproveitam-no.

Corre a oportunidade — espalhando bênçãos.
Arrasta-se o homem — estragando as dádivas

recebidas.
Cada dia é um país — de vinte e quatro províncias.
Cada hora é uma província — de sessenta unidades.
O homem, contudo, é o semeador — que não despertou
ainda.

Distraído cultivador, pergunta: — que farei?

E o tempo silencioso responde, com ensejos benditos:

De servir — ganhando autoridade,
De obedecer — conquistando o mundo,
De lutar — escalando os céus.

O homem, todavia, — voluntariamente cego,
Roga sempre mais tempo — para zombar a vida,
Porque se obedece — revolta-se orgulhoso,

Se sofre — injúria e blasfema,
Se chamado a contas — lavra reclamações descabidas.
Cientistas — fogem da verdadeira ciência.

Filósofos — ausentam-se dos próprios ensinamentos.
Religiosos — negam a religião.

Administradores — retiram-se da responsabilidade.
Médicos — subtraem-se à medicina.

Literatos — furtam-se à divina verdade.
Estadistas — centralizam a dominação.

Servidores do povo — buscam interesses privados.
Lavradores — abandonam a terra.
Trabalhadores — escapam do serviço.
Gozadores temporários — entronizam ilusões.
Ao invés de suar no trabalho — apanham borboletas
da fantasia.
Desfrutam a existência — assassinando-a em si
próprios.
Possuem os bens da Terra — acabando possuídos.
Reclamam liberdade — submetendo-se à escravidão.
Mas chega, um dia — porque há sempre um dia mais
claro que os outros,
Em que a morte surge — reclamando trapos velhos...
O tempo recolhe, então, apressado — as oportunidades
que pareciam sem fim...
E o homem reconhece — tardiamente preocupado,
Que a Eternidade infinita — pede contas do minuto...

André Luís

A DIVINA LIÇÃO

Quando o Grande Processado
Ouviu a condenação,
O povo esperava, aflito,
Os gestos de reação.

Não se dizia emissário
Da majestade de Deus?
Por que dobrar-se humilhado
À tricas de fariseus?

Não se afirmava o Senhor?
Não era o Divino Mestre?
Por que curvar-se à injustiça
No campo da dor terrestre?

Fala-se que Jesus
Era o Caminho, a Verdade,
A Vida Vitoriosa
No seio da Divindade...

Entretanto, pobre e humilde,
Em face da multidão,
Era Ele tido à conta
De feiticeiro e ladrão.

Vencido e dilacerado,
O sangue a empar-lhe a fronte,

Contemplava, angustiada,
A fímbria azul do horizonte.

O povo, porém, não via
Nem milagres, nem sinais...
Onde o socorro divino
Das hostes celestiais?

Martírios e bofetadas.
E o Mestre não reagia,
Suportando a cruz pesada
Na túnica da ironia.

Que fazia o Condenado?
Por que não pedir dos céus
Incêndios, misérias, pragas,
Flagelações, escarcéus?

Onde os carros poderosos
De Jesus de Nazaré?
Onde as armas e soldados
Pela paz da nova fé?

O Justo, porém, na cruz,
Ouvindo perguntas mil,
Viu que a turba inda era frágil
Ignorante e infantil.

E o Mestre, fitando os Céus,
Deu a divina lição
Do amor que redime a vida
No silêncio e no perdão.

Casimiro Cunha

RIDÍCULO E SILÊNCIO

Há muitas espécies de provação para a dignidade pessoal e numerosos gêneros de defesa.

Há feridas que atingem a honorabilidade de família, golpes que vibram sobre a realização individual, calúnias que envolvem o nome, acusações gratuitas, comentários desairosos à reputação, análises mentirosas de situações respeitáveis e escândalos do ridículo.

Na maioria das experiências dessa natureza, o ruído é justo e a retificação adequada.

Nas contrariedades familiares, é fácil estabelecer programas novos e corrigir normas de conduta.

Na perseguição ao trabalho honroso, basta recorrer aos frutos substanciosos e ricos da obra realizada.

Na calúnia, socorre-se o homem reto do esclarecimento natural.

Nas acusações gratuitas, a verdade simples responde pelos acusados aos perseguidores cruéis.

Nos falatórios da rua, a realidade modifica a opinião popular.

No jogo das aparências, com que se procura envenenar as situações dignas, não é difícil demonstrar a nobreza dos fatos, focalizando outros prismas.

Para isso, há um exercício de servidores da justiça do mundo que, com rapidez ou lentidão, atende

a reclamações e mobiliza providências compatíveis com os acontecimentos mais estranhos.

Mas, autoridade alguma da Terra garante facilidades à defesa contra os escândalos do ridículo. Para suportar, dignamente, esse gênero de provação somente Jesus oferece o padrão necessário. A reação não serve, o protesto complica, transforma-se a reclamação em escândalo novo, converte-se o rumor em incêndio de conseqüências imprevisíveis. A criatura bem intencionada, sob a perseguição do ridículo, não tem outro recurso senão recordar o Cristo, incumprido pelas autoridades de seu tempo, ironizado pelos ignorantes e injuriados pela multidão, compreendendo que todo homem responderá pelos seus atos a Deus, no tribunal do foro íntimo, e que a mais alta defesa contra o sarcasmo do mundo é o silêncio da perfeita confiança no Divino Poder.

Emmanuel

O HOMEM E A DOR

O homem de concepções indefinidas,
Que tateia nas trevas da ignorância,
Nada registra além da substância
Da carne estranha que sufoca vidas.

Faminto nos celeiros da abundância,
É o herdeiro da lágrima, em feridas,
Sepultado em micróbios homicidas,
Outro Jó, pela chaga e mendicância.

É esse homem que, cego à luz divina,
Arma os canhões para a carnificina,
Sonâmbulo sem luz, sem paz, sem norte;

Mas a dor que lhe assiste as derrocadas,
Modifica-lhe as míseras estradas,
Nas expressões irônicas da morte.

A. dos Anjos

NO ESCÂNDALO DA CRUZ

Finda a crucificação, esprou o Mestre o olhar pela turba inconsciente. As opiniões contraditórias do povo alcançavam-lhe os ouvidos. Ocultavam-se os beneficiários de seu amor. Era constrangido, agora, a permanecer entre o insulto dos acusadores e o escárnio da multidão.

Angustiado, identificava a maioria dos semblantes.

Ali, comprimiam-se pessoas da cidade que lhe conheciam a missão divina; mais além, acotovelavam-se romanos aos quais socorrera, generoso, ou romeiros de regiões diversas, que lhe deviam favores e benefícios. Quase todos haviam comparecido à festividade de sua entrada triunfal em Jerusalém, comentando-lhe o feito, na ressurreição de Lázaro, ou recordando-lhe, entusiasmadamente, a virtude, a cooperação, o ânimo e o serviço.

Não haviam decorrido muitas horas e as mesmas bocas ridicularizavam-no, sem piedade.

— Por que não reagira, em recebendo a ordem de prisão?

— Não seria razoável a fuga dos discípulos diante de sua tolerância em frente aos sequazes dos sacerdotes?

— Não salvara a tantos? Por que não remediara a si mesmo?

— Ensinara a resistência ao crime e às tentações... Por que se entregava, assim, como desordeiro vulgar?

— Não seria vergonha atender a missionário como aquele, incapaz de qualquer reação? Entretanto, um dia, indignara-se no templo, perante os mercadores infieis...

— Que razões o moviam a não recorrer à justiça do mundo?

— Contrariamente, a toda expectativa, aceitar a prisão sem resistência!

— Deixou-se conduzir como criança pela pior companhia, submeteu-se aos açoites e bofetadas...

— Deixou-se vestir de uma túnica escandalosa, ele que era simples e sóbrio por excelência, nem reclamou contra os espinhos com que lhe coroaram a fronte...

— Aceitou a cruz como se a merecesse e, por fim, ó ridículo supremo!, não se revoltou quando o exibiram no madeiro, seminu, sob apupos e gargalhadas...

Jesus ouvia as opiniões que se entrecrocavam, guardando silêncio.

Onde estaria o Evangelho, se reagisse? Para onde enviaria os seguidores de sua palavra se lhes abrisse no coração a sede de vingança? Que seria do Reino de Deus, se pretendesse um reino dominador na Terra? Onde colocaria a Justiça do Pai, se também duelasse com a justiça dos homens? Onde situava o auxílio divino, de que era portador, se não desculpasse a ignorância. Como demonstraria o amor de que se fizera pregoeiro, lançando chamas de cólera, exigindo reivindicações e castigando os escarnecido-

res, já de si mesmos tão infelizes? Deveria acusar publicamente os organizadores do escândalo, dando-lhes pasto aos sentimentos perversos ou deveria tratá-los com o silêncio, para que tivessem de enxergar a si próprios.

O Mestre esprou o olhar pela multidão desvaída, lembrou-se dos amigos distantes e fixou os adversários presentes, meditou nas profundas perturbações da hora em curso, considerou as necessidades espirituais de cada homem, compreendeu o imperativo da vontade de Deus e, já que era indispensável dizer alguma coisa, movendo os lábios na direção do futuro de sua doutrina, levantou os olhos da Terra para os Céus e murmurou compassivo:

— “Perdoai-lhes, meu Pai, porque não sabem o que fazem...”

Emmanuel

CORAÇÃO DO MUNDO

Pátria de luz da bem-aventurança,
Sobre as tuas vastíssimas estradas,
Fala o Mestre do Amor e da Esperança,
Como outrora, entre ovelhas desgarradas...

Vives nos bens da fúlgida aliança
Que te ofertam as almas bem amadas,
Nutrindo-te das flores de Bonança,
Filhas de um sol de novas alvoradas!

No teu seio de amor augusto e grande,
Eis que a luz evangélica se expande,
Em clarões de ciência e de bondade.

És, hoje, o coração do mundo inteiro,
Florindo à luz divina do Cruzeiro,
No canto imenso da Fraternidade!...

Pedro D'Alcântara

PÁTRIA DO EVANGELHO

Como as individualidades, também as pátrias surgem no vasto cenário das civilizações, com funções definidas, no concerto dos povos e assim como o homem isolado possui uma zona de liberdade de ação, na teia de circunstâncias da vida coletiva, também às nações é conferido, do Alto, o direito de agir, no caminho das decisões de natureza coletiva, no âmbito de serviços que lhes compete desempenhar na grandiosa oficina da evolução humana.

A História é a bíblia sagrada dessas noções de direitos e deveres isolados dos povos, objetivando-se a construção do progresso universal.

Enquanto os israelitas organizavam as luzes religiosas para o futuro do mundo, os fenícios erguiam as bases econômicas dos fenômenos da troca para a subsistência da vida material. Enquanto os gregos pescavam as pérolas da filosofia, no oceano imenso de suas atividades espirituais, os romanos preparavam os princípios de direito para a vida prática.

Cada pátria é uma colmeia de trabalhadores fabricando o mel de sabedoria da experiência, nos esforços purificadores e dolorosos, a caminho da absoluta união de toda a família universal.

Com o advento do Cristo, há dois mil anos, felicitavam-se os horizontes do planeta, com um roteiro novo e definitivo. O Evangelho, com a simplificação

de todas as estradas das criaturas humanas, na humildade e no amor, buscou identificar os labores de todos os povos entre si, mas a civilização ocidental não soube guardar as valorosas virtudes de seus antepassados.

Um véu de sombras procurou perpetuar a ignorância no coração da humanidade sofredora.

Novas missões coletivas foram dadas às nacionalidades do globo que, abusando da sua linha de emancipação e liberdade, em considerável maioria, se entregaram à sinistra embriaguez do imperialismo e da ambição, fazendo jus às mais dolorosas expiações, quais as que se verificam, desde muito, na totalidade dos países europeus.

Mas o relógio da evolução universal não pode estacionar, em face da defecção dos homens. A hora do Cristo há de soar, no momento oportuno. É por isso que, multiplicando-se em atividades, o mundo espiritual, sob a determinação augusta do Divino Mestre, transplantou para a América a árvore maravilhosa da fraternidade e da paz, a cuja sombra cariciosa e divina, vamos encontrar o Brasil, sob a luz do Cruzeiro, desempenhando a tarefa significadora de Pátria do Evangelho.

Emmanuel

POSTAIS CRISTÃOS

O caminho do Evangelho
No rumo à Divina luz,
Começa na Manjedoura
E vai ao topo da Cruz.

Não te doam neste mundo
As lágrimas de aflição,
Que o pranto lava os caminhos
Traçados no coração.

Perdoa a mão criminosa
Que te fere e faz chorar,
Pois alguém vela por ti
Nas Luzes do Eterno Lar.

Há muitas sendas na Terra,
No roteiro da ilusão,
Mas a estrada com Jesus
É santa renovação.

Agradece à Providência
O tempo vestido em flor
E louva o Senhor da Vida
Nos dias de tua dor.

Nem todo o dia no mundo
Será de júbilo e mel,
Mas se buscas Jesus Cristo
Segue sempre e sê fiel.

Lembra-te irmão, no caminho,
Que o discípulo de escol
É aquele que, meio às sombras,
Revela o Divino Sol.

Se queres subir ao Alto
Toma zelo em não cair,
Constrói nas lutas de agora
As belezas do porvir.

Se desejas a vitória
No combate contra o mal,
Vive, amigo, desde hoje,
A vida espiritual.

Aos grandes homens do mundo
Podemos admirar,
Mas somente a Jesus Cristo
Devemos acompanhar.

Casimiro Cunha

CRISTIANISMO RESTAURADO

Espiritismo religioso? Sim. Somente o Cristianismo restaurado pode salvar o mundo que se perde.

Respeitamos a ciência honesta, entretanto, desaprovaemos o cientificismo pretensioso que intenta converter consciências livres em cobaias humanas. Admiramos a filosofia digna desse nome, todavia, desestimamos os sofismas e as dissensões infundáveis, a detrimento da obra construtiva do sentimento. Claro que o mundo permanece repleto de enigmas surpreendentes, desde o primeiro instante de aglutinação atômica no mecanismo planetário. A Terra, porém, é uma escola e ainda não chegamos, na condição de desencarnados, a ser enciclopédias individuais, nem podemos subtrair a lição aos estudantes da vida, invertendo as leis justas que regem as forças evolutivas.

Se a verdade tem o seu preço em esforço próprio daquele que a investiga, é razoável que cada aprendiz caminhe com os próprios pés, ouça com os ouvidos que lhe pertencem e veja com os olhos que possui.

Jesus não permite que os **mortos** se levantem dos túmulos para fomentar as discórdias regionais ou incentivar as rixas domésticas. Não concedeu o Senhor aos discípulos a luz divina do Pentecostes para que estabelecessem novas dissensões entre romanos e gregos, publicanos e fariseus, mas simplesmente

para que anunciassem o Reino de Deus, conclamando as criaturas à sua justiça.

Essa, ainda, a nossa função, regressando aos ambientes de estudos evangélicos, dos caminhos que a morte nos revelou aos corações. Nossa missão é essencialmente religiosa, na restauração da fé viva e na revivência das tradições simples dos tempos apostólicos.

Compreendemos a sede e a angústia dos homens menos esclarecidos, interpelando os planos invisíveis para satisfazer impulsos primários de suas indagações, mas temos de dosar as lições como quem sabe o objetivo a atingir.

Continuemos, pois, em nosso esforço reconstrutivo da fé, porquanto no mundo atormentado pela fome de cobiça, flagelado pela guerra e ferido por misérias de toda sorte, não seria justo agravar as desordens do pensamento, com ignorância deliberada dos imperativos da tolerância.

O campo oferece um momento próprio à semente e a semente possui o seu dia de germinação, como a árvore que atingirá a época adequada de frutificação.

Tenhamos paciência e prossigamos em nosso trabalho pacífico.

Não temos a presunção de pedir o atestado de óbito das escolas religiosas existentes na atualidade do mundo, nem desejamos estabelecer a luta dogmática e sectarista entre as várias correntes cristãs, tão divididas entre si.

Nosso objetivo é diferente. Desejamos tão só reavivar a crença pura, a fim de que o homem, na qualidade de herdeiro divino, possa entrar na glória

espiritual da compreensão de Jesus Cristo, inaugurando novos caminhos à evolução do pensamento religioso.

Longo e penoso é o trabalho, bem o sabemos. Entretanto, não teremos estradas novas sem o sacrifício daqueles que calejam as mãos nos desbravamentos e sacrifícios.

Que Jesus, pois, nos inspire a ação e nos fortaleça.

Demonstrai vossa fé com os atos de vossa vida. O mundo está cheio de palavras, pregações e polémicas. Muitos ensinam, poucos aprendem. Quase todos mandam. Raríssimos obedecem. Sede, portanto, os sermões vivos e silenciosos da fé nova e continuemos a cooperar pela restauração do cristianismo puro, no setor religioso que o Divino Mestre nos confiou, porque, em verdade, observando a destruição e o morticínio, as trevas e as perturbações que atormentam o mundo, somos forçados a reconhecer que sem a fé não podereis sair dessa imensa noite que vos obscurece o entendimento; sem o Evangelho de Jesus, sentido e aplicado, não haverá concórdia entre as nações e sem Deus estaremos perdidos.

Emmanuel

SÚPLICA À MÃE SANTÍSSIMA

Anjo dos bons e Mãe dos pecadores,
Enquanto ruge o mal, senhora, enquanto
Reina a sombra da angústia, abre o teu manto,
Que agasalha e consola as nossas dores.

Nos caminhos do mundo, há treva e pranto
No infortúnio dos homens sofredores,
Volve à Terra ferida de amargores
O teu olhar imaculado e santo!

Ó Rainha dos Anjos, meiga e pura,
Estende tuas mãos à desventura
E ajuda-nos, ainda, Mãe piedosa!

Conduze-nos às bênçãos do teu porto
E salva o mundo em guerra e desconforto,
Clareando-lhe a noite tormentosa...

Bittencourt Sampaio

A ÁRVORE ÚTIL

Vão e voltam viajores. Sucedem-se os dias ininterruptos.

A árvore útil permanece, à margem do caminho, atendendo, generosamente, aos que passam.

Mergulhando as raízes na terra, protege a fonte próxima, alentando os seres inferiores, que se arrastam no solo. Recolhendo o orvalho celeste, na fronde alta, atende aos pássaros felizes que cortam os céus.

Costuma descansar em seus braços a serpente venenosa. Na folhagem, as aves pacíficas tecem o ninho. A andorinha errante e exausta ganha força nova em seus galhos, enquanto o filhote mirrado ensaia o primeiro vôo.

O viandante repousa à sua sombra.

O botânico submete-a a estudos demorados e experiências laboriosas.

A agricultura apossa-se-lhe das sementes.

Pede-lhe o doente a substância medicamentosa.

O faminto exige-lhe frutos.

Os jovens arrebatam-lhe as flores.

O podador reclama-lhe o fogo de inverno.

Não raro, seus ramos são conduzidos às câmaras mortuárias, onde chovem as lágrimas de dor ou aos adornos de praças festivas, onde vibram gargalhadas de ironia da multidão.

Em seu tronco respeitável, muitos servos do campo experimentam o gume afiado da foice ao deixar o rebolo.

Na ausência do homem, os animais grosseiros buscam-lhe os benefícios. A lesma percorre-lhe os galhos, o lobo goza-lhe o refúgio.

Seu trabalho, porém, não se circunscreve ao plano visível. Movimentando todas as suas possibilidades, o vegetal precioso esforça-se e respira, para que as criaturas respirem melhor, em atmosfera mais pura.

O mordomo da terra, no entanto, quase nunca lhe vê o serviço integral, não lhe conhece os sacrifícios silenciosos e jamais relaciona a totalidade das dádivas recebidas. Raramente, dá-lhe um punhado de adubo e nunca se informa, respeito à invasão dos vermes para defendê-la, convenientemente. Conhecendo-lhe apenas o concurso econômico, ameaça-a todos os dias, com o machado destruidor, se a colheita dos benefícios tangíveis oferece expressão menos abundante.

A árvore generosa, porém, continua produzindo e alimentando, servindo e espalhando o bem, nada esperando dos homens, mas confiando na garantia eterna de Deus.

.....

Médiuns dedicados a Jesus, fixai a árvore útil como símbolo de vossas vidas!... Dilacerados e perseguidos, incompreendidos e humilhados, alimentando vermes e pássaros, auxiliando viajores felizes e infelizes, continuai em vosso ministério sublime de amor, não obstante a indiferença do ingrato e o escárnio da foice, convencidos de que, enquanto o machado do mundo vos ameaça, sustenta-vos, na batalha do bem, o invisível manancial da Providência Divina.

Emmanuel

ADÁGIOS

Não compliques teu caminho
Simplicidade é um dever.
Por mais alto voe a garça
Descerá para comer.

Estima a frugalidade.
Depois de ruído e festa,
Há sempre dor de cabeça,
Coceira e calor na testa.

Tens filhos para educar?
Não te apaixones, de leve...
Recorda que para o corvo
O filho é de arminho e neve.

Se sofres perseguições,
Que o perdão te guarde a vida.
Onde falta o amor de Cristo
Sobra a queixa descabida.

O diabo tenta o servo
Que leva o trabalho a cabo.
Mas o homem preguiçoso
É o tentador do diabo.

No cruzeiro do sovina
De sentimentos escravos,
Tem o demônio, ao dispor,
Noventa e nove centavos.

Na tempestade, na luta,
Na ameaça, no atoleiro,
É que encontramos, de fato,
O pulso do cavalheiro.

Preguiça é como a ferrugem
Que ataca bigorna e malho;
Consome com mais presteza
Que os atritos do trabalho.

Na jornada para Deus,
Quem possui casa e moinho
Precisa muito cuidado
Para andar em bom caminho.

A alegria que não passa
E que não fere ninguém,
Nasce forte, rica e pura
Naquele que faz o bem.

Casimiro Cunha

O VELHO E O NOVO TESTAMENTOS

Entre o Velho e o Novo Testamento encontram-se diferenças profundas e singulares, que se revelam, muitas vezes, como fortes contrastes ao espírito observador, ansioso pelas equações imediatas da experiência religiosa.

O Velho Testamento é a revelação da Lei O Novo é a revelação do Amor. O primeiro consubstancia as elevadas experiências do homens de Deus que procuravam a visão verdadeira do Pai e de sua Casa de infinitas maravilhas. O segundo representa a mensagem de Deus a todos os que O buscam no caminho do mundo.

Com o primeiro, o homem bateu à porta da moradia paternal, perseguido pelas aflições, que lhe flagelavam a alma, atribulado com os problemas torturantes da vida. O Evangelho é a porta que se abriu, para que os filhos amorosos fossem recebidos. No Velho Testamento, a estrada é longa e, vezes sem conta, as criaturas humanas desfaleceram, entre os sofrimentos e as perplexidades. No Novo, é a estrela da manhã espiritual, resplandecendo de amor infinito, no céu de uma nova compreensão.

No primeiro, é o esforço humano. O Evangelho é a resposta divina.

A Bíblia reúne o Trabalho Santificador e a Coroa da Alegria.

O Profeta é o Operário. Jesus é o Salário na Revelação Maior. Eis porque, com o Cristo, se estabeleceu o caminho depois da procura torturante. E é por esse caminho que a alma do homem se libertará da Babilônia do mal, que sempre lançou o incêndio no mundo, em todos os tempos.

A Bíblia, desse modo, é o divino encontro dos filhos da Terra com o seu Pai. Suas imagens são profundas e sagradas. De suas palavras, nem uma só se perderá.

Um dia, no cimo do monte da redenção, os homens entregar-se-ão, de braços abertos, ao seu Salvador e a seu Mestre. Então, nessa hora sublime, resplandecerá, para todas as consciências da Terra, a Palavra de Deus.

Emmanuel

AVANTE

Caminheiros do bem, segui avante
No serviço da paz que vos conduz,
Dando pão ao faminto, amparo aos nus,
Socorrendo a miséria soluçante!

Vosso trabalho é áspero e incessante
As angústias, porém, de vossa cruz
São flores de verdade, amor e luz
Para a vida do Espírito Triunfante.

Não vos magoem lágrimas e espinhos
Ide e espalhai, ao longo dos caminhos,
As alegrias do Consolador!...

Ide, com renovada confiança!...
Guardai convosco a lúcida Esperança
Do Divino Serviço do Senhor!

João de Deus

SENTIMENTO E RAZÃO

Nos círculos espiritistas, muito se tem falado de uma fé raciocinada, mas poucas vezes de uma razão iluminada.

Se é certo que o sentimento sem a fiscalização do raciocínio pode conduzir ao absurdo, o raciocínio sem o sentimento pode conduzir ao absurdo mais lamentável. O cérebro e o coração não podem viver separados na tarefa construtiva. Sem a perfeita harmonia de ambos todo trabalho edificante torna-se impossível. O primeiro sem o segundo fez o veneno ideológico da negação, com as suas nefastas consequências; o segundo sem o primeiro descansou nos domínios da fantasia e da extravagância dogmática.

Estabelecendo o labor da análise, o Espiritismo se propõe reajustar o sentimento, mas, em hipótese alguma, pode prescindir de sua cooperação.

A razão calcula, cataloga, compara, analisa.

O sentimento cria, edifica, alimenta, ilumina.

A primeira é o homem que termina laboriosa etapa evolutiva. O segundo é o anjo que começa, nas suas manifestações iniciais, a caminho da espiritualidade pura.

A razão é o caminho humano. O sentimento é a luz divina. Por esse motivo todos os investigadores da verdade transcendente que percorram a estrada da experimentação, sem a fé, marcham às escuras e, não raro, esbarram na solidão e no desespero supremos.

A ciência analítica, a filosofia especulativa podem fazer muito pelo Espiritismo, dentro de seus métodos experimentais, mas, sem a claridade religiosa, oriunda das ilações do campo doutrinário, estaria ele destinado a representar um papel tão humano e tão transitório, como o das mais notáveis filosofias que o precederam, abrindo as janelas douradas de seus castelos teóricos no mundo, acenando às almas com o jogo das palavras, mas passando... passando sempre, um curso do tempo, acabando mumificadas no sarcófago das bibliotecas esquecidas.

Os espiritistas sinceros devem saber que a ciência e a filosofia do Planeta são um conjunto de verdades provisórias. Suas equações variam de cérebro a cérebro, como de escola para escola. Sem estabilidade no tempo, ambas acompanham os vãos do sentimento, de quando em quando aceso pela fagulha do gênio, que despreza a rotina e o convencionalismo, para iluminar a estrada do futuro infinito. Só o sentimento é bastante grande para elevar-se da esfera comum, quebrando as fórmulas rasteiras.

É por essa causa justa que o espiritista cristão, invocando o raciocínio, em todos os instantes da vida, não deve esquecer sua iluminação própria na fé, de sua elevação sentimental, de sua riqueza interior, em suma, de seu aperfeiçoamento individual, na lei do esforço próprio. E é ainda por isso que todos os trabalhadores espirituais da grande causa centralizam os seus ensinamentos em Cristo Jesus, fundamento de toda a verdade sobre a Terra e Modelo Supremo de todas as criaturas humanas, em face de sua necessidade imediata de renovação interior.

Emmanuel

SEMENTEIRA

“Mãe, — pergunta a pequena.
Contemplando a sementeira, —
Por que razão há marmelos
Ao lado da pimenteira?”

“É verdade, Manoelita. —
Responde a mãe carinhosa,
— A natureza é cartilha
Da lição silenciosa.

A origem de cada coisa
Pertence à sabedoria
D'Aquele que fez o Sol,
A Noite, o Luar, o Dia.

Mas notemos no canteiro
A sugestão que ele encerra —
Duas plantas diferentes,
Nascidas da mesma terra.

A pimenta, muitas vezes,
Fere a boca descuidada;
Ao passo que agrada sempre
O gosto da marmelada.”

E, enquanto a menina ouvia,
Refletindo, atenciosa,
A palavra maternal
Concluía, generosa:

— “Nossa existência no mundo,
Em todos os seus minutos,
É como o solo amoroso
Sempre disposto a dar frutos.

Paz, fortaleza, alegria,
Desencantos e aflição
Dependem da sementeira
Na terra do coração.

João de Deus

COMO CONHECER OS ESPÍRITAS

Sendo o Espiritismo, antes de tudo,
uma filosofia religiosa, como conhecer
os verdadeiros espiritas?

É justamente dentro da sua bandeira imortalista, demonstrando ao homem que a sua vida não está circunscrita à existência fragmentária da Terra, que o Espiritismo oferece à Humanidade o que possui de mais sublime e mais puro, em sua feição filosófica e doutrinária.

As suas próprias expressões fenomênicas não objetivam outro desiderato que não esse de espalhar as sementes benditas da crença e da esperança. Refundindo os vossos antigos conhecimentos, com respeito aos problemas profundos da vida e do ser, descerra um panorama infinitamente maravilhoso à vossa visão espiritual, integrando-vos no amor ao dever, em suas expressões mais sagradas, compelindo-vos ao progresso moral para a redenção futura. As atividades do homem, portanto, são reformadas ao sopro de suas lições divinas, renovando-se os caracteres, enobrecendo-se as ações dos indivíduos, quando a consciência, de fato, lhe apreende a sublimidade do ensinamento.

Somente poderemos conhecer os espiritas pela transformação benéfica que procuram impor a si mesmos, em contacto com as lições do Alto que lhes são

incessantemente ministradas. Os entendedores legítimos da doutrina não são aqueles que se apaixonam nos círculos esterilizadores das palavras da polêmica mas justamente os que se saturam da tolerância e da serenidade evangélicas, cooperando com o seu esforço para que as leis fraternas da caridade cristã sejam devidamente compreendidas e postas em prática.

Estes últimos, considerados **aqueles de boa vontade** aos quais se refere o Evangelho em suas lições divinas, ignoram se há dogmas e princípios religiosos separando os espíritos na Terra; todos os homens são seus irmãos, necessitados de sua amizade e de seu carinho. E, fechando os olhos para os erros alheios, fazem da existência terrena um apostolado sublime de humildade, caridade e perdão.

Emmanuel

AVANTE IRMÃOS

Amigos enquanto o mundo
Se despedaça no mal,
Procuraremos no Evangelho
A luz espiritual.

Façamos do Espiritismo
Com Jesus no coração
A bússola da verdade
Em nossa religião.

Há tropeços no caminho,
Perseguições, morte, cruz?
Em meio da tempestade,
Guardai a paz de Jesus.

Pela ofensa, pelo espinho,
Jamais odieis ninguém
Que em nossa doutrina amada
Resplandeça o sol do bem.

Em toda luta na Terra,
Lembraí-vos, amigos meus,
Que sois servos do Evangelho,
Em nome do amor de Deus.

Casimiro Cunha

O EVANGELHO

Entre a Manjedoura e o Calvário, guarda-se a lição eterna do Cristo. Na primeira, ergue-se a humildade, clarificando o caminho dos homens; no segundo, erguem-se a esperança e a resignação na Providência Divina.

Nesses dois capítulos, imensos pela sua expressão simbólica, encerra-se todo o monumento de filosofias do cristianismo.

Vinte séculos decorreram.

Os primeiros mártires da fé edificaram as bases da doutrina do Crucificado sobre a face do mundo. Uma luz poderosa irradiava-se da cruz, iluminando as estradas da evolução em todo o Planeta. Todos os deuses do politeísmo romano desapareceram dentro do novo conhecimento da verdade. A poesia grega, que ainda era a fonte essencial da inspiração do mundo, teve as suas bases regeneradas pela doce lição da Divina Vítima.

Mas, a ambição de domínio sobrepõe-se ao sacrifício e ao martírio. O imperialismo romano não tardou a se manifestar, travestido nas mitras episcopais, e a grande lição do Calvário foi esquecida, no abismo das exterioridades religiosas. A má fé e o

embuste rodearam o Evangelho, enegrecendo-lhe as páginas e a figura luminosa do Cristo foi adaptada por todas as filosofias, por todas as escolas e interesses particulares. O Evangelho serviu de instrumento para lutas e morticídios. Os homens, tocados de egoísmo e ambição, procuraram torcer-lhe o ensinamento, como se estes se constituíssem de textos de leis humanas e falíveis. Raros corações entenderam o **amai-vos** da lição imorredoura do Sublime Enviado. E o resultado da grande incompreensão é presentemente vivido pela vossa época de supremas angústias.

Será, talvez, ociosa a vós outros nossa insistência no exame da civilização em curso, falha de valores espirituais. Acresce notar, porém, que o nosso esforço deve caracterizar-se pelo trabalho de encaminhar a luz divina ao vosso entendimento. O mundo, na atualidade, experimenta transições angustiosas e rudes. Para a culminância da luta deste crepúsculo de civilização, a corrida armamentista, no Planeta, custa às nações fabulosas fortunas por dia, ignorando-se, na estatística exata, os elementos despendidos na educação do povo e na assistência às massas.

No entanto, os políticos, os falsos sacerdotes e todos os cientistas da Terra enganam-se em suas ingratas cogitações. A direção do orbe pertence a Jesus, cuja mão divina permanece no leme, apesar da escuridão da noite e não obstante a força destruidora da procela.

Os grandes gênios da Espiritualidade Superior reúnem-se no Infinito, examinando o curso dos humanos destinos e, enquanto lembrais, em vossa assembléia humilde, o vulto luminoso da cruz, prepara-se

no ilimitado um novo dia para o conhecimento terrestre.

O cristianismo marcou uma era diferente e os séculos futuros viverão à claridade de uma outra luz que, em breve, raiará nos horizontes da Terra, para o coração aflito e sofredor da Humanidade.

Emmanuel

A CRUZ

— “Minha mãezinha, — interroga
A pequena, olhos em luz, —
Por que razão nosso Mestre
Preferiu morrer na cruz?”

Não era Ele o Enviado
Do poder do Criador?
Não passou por este mundo,
Acendendo a luz do amor?”

A velha mãe meditou
E respondeu, em seguida:
— “Filhinha, todo o Evangelho
É grande lição da vida.”

O Horto de Solidão,
O Calvário do Tormento
São convites do Senhor
À luz do desprendimento.

E a Cruz é a realidade
Sem qualquer flor de ilusão,
Sem a qual não chegaremos
À paz da Ressurreição.”

João de Deus

PERGUNTA E RESPOSTA

Como devemos encarar o comunismo cristão?

O comunismo em suas expressões de democracia cristã está ainda longe de ser integralmente compreendido como orientador de vossas forças político-administrativas.

Somente serão entendidas as suas concepções adiantadas, à luz dos exemplos do Cristo, quando reconhecerdes que o Evangelho não quer transformar os ricos em pobres e sim converter os indigentes em ricos do mundo, fazendo desabrochar em cada indivíduo a concepção dos seus deveres sagrados, em face dos problemas grandiosos da vida.

Comunismo ou socialismo cristão não podem ser a anarquia e a degradação que observais algumas vezes em seu nome, significando, acima de tudo, a elevação de todos, dentro da harmonia soberana e perfeita. Quando o homem praticar a fraternidade, não como obrigação imposta pelas justas conveniências, mas como lei espontânea e divina do seu coração, reconhecendo-se apenas como usufrutário do mundo em que vive, convertendo as bênçãos da natureza, que são as bênçãos de Deus, em pão para a boca e luz para o espírito, as forças políticas que dirigem os povos nortear-se-ão sem guerras e sem ambições, obedecendo aos códigos de solidariedade comum.

Semelhante estado de coisas, porém, nunca será imposto por armas ou decretos humanos. Representará o amadurecimento da consciência coletiva na compreensão dos legítimos deveres da fraternidade e somente surgirá, no mundo, por efeito do conhecimento e da educação de cada indivíduo.

Emmanuel

ALÉM DA MORTE

Além da morte, além da sepultura,
Onde a ciência encontra a paz do nada,
Começa luminosa e longa estrada
Que reconduz à Vida eterna e pura.

Da carne, é o pesadelo, a noite escura,
A fantasia e a luz abandonada,
Na alma liberta, a santa madrugada
Na alegria de nova semeadura!

Oh! viajores no inverno dos caminhos,
Aves cansadas dos terrestres ninhos,
Vencei as dores para bendizê-las...

Aguardai a Divina Primavera,
Que outra vida mais alta vos espera
Entre as rotas sublimes das estrelas!

Antero do Quental

LEMBRANÇA FRATERNAL AOS ENFERMOS

Queres o restabelecimento da saúde do corpo, e isso é justo.

Mas, atende ao que te lembra um amigo que já se vestiu de vários corpos e compreendeu, depois de longas lutas, a necessidade da saúde espiritual.

A tarefa humana já representa, por si, uma oportunidade de reerguimento aos espíritos enfermos. Lembra-te, pois, de que tua alma está doente e precisa curar-se sob os cuidados de Jesus, o nosso Grande Médico.

Nunca pensaste que o Evangelho é uma receita geral para a humanidade sofredora?

É muito importante combater as moléstias do corpo; mas, ninguém conseguirá eliminar efeitos, quando as causas permanecem.

Usa os remédios humanos, todavia inclina-te para Jesus e renova-te, espiritualmente, nas lições de seu amor. Recorda que Lázaro, não obstante voltar do sepulcro, em sua carne, pela poderosa influência do Cristo, teve de entregar seu corpo ao túmulo, mais tarde. O Mestre chamava-o a novo ensejo de iluminação da alma imperecível, mas não ao absurdo privilégio da carne imutável.

Não somos as células orgânicas que se agrupam, a nosso serviço, quando necessitamos da experiência

terrestre. Somos espíritos imortais e esses micro-organismos são naturalmente intoxicados, quando os viciamos ou aviltamos, em nossa condição de rebeldia ou de inferioridade.

Os estados mórbidos são reflexos ou resultados de nossas vibrações mais íntimas.

Não trates as doenças com pavor e desequilíbrio das emoções. Cada uma tem uma linguagem silenciosa e se faz acompanhar de finalidades especiais.

A hepatite, a indigestão, a gastralgia, o resfriado, são excelentes avisos contra o abuso e a indiferença. Por que preferes bebidas excitantes, quando sabes que a água é a boa companheira, que lava os piores detritos humanos? Por que o excesso dos frios no verão e a demasia de calor no tempo do inverno? Acaso ignoras que o equilíbrio é filho da sobriedade? O próprio irracional tem uma lição de simples impulso, satisfazendo-se com a sombra das árvores na secura do estio e com a bênção do sol nas manhãs hibernais. Pela tua inconformação e indisciplina, desordenas o fígado, estragas os órgãos respiratórios, aborreces o estômago. Observamos, assim, que essas doenças-avisos se verificam por causas de ordem moral. Quando as advertências não prevalecem, surgem as úlceras, as nefrites, os reumatismos, as obstruções, as enxaquecas. Por não se conformar o homem com os desígnios do Pai, que criou as leis da natureza como regulamentos naturais para a sua casa terrestre, submete as células que o servem ao desregramento, velha causa de nossas ruínas.

E que dizemos da sífilis e do alcoolismo, procurados além do próprio abuso?

Entretanto, no capítulo das enfermidades que buscam a criatura, necessitamos considerar que todas têm sua função justa e definida.

As moléstias dificilmente curáveis, como a tuberculose, a lepra, a cegueira, a paralisia, a loucura, o câncer, são escoadouros das imperfeições. A epidemia é uma provação coletiva, sem que essa afirmativa, no entanto, dispense o homem do esforço para o saneamento e higiene de sua habitação. Há dores íntimas, ocultas ao público, que são agulhões salvadores para a existência inteira. As enfermidades oriundas dos acidentes imprevistos são resgates justos. Os aleijões são parte integrante das tabelas expiatórias. A moléstia hereditária assinala a luta merecida.

Vemos, portanto, que a doença, quando não seja a advertência das células queixosas do tirânico senhor que as domina, é a mensageira amiga, convidando a meditações necessárias.

Desejas a cura; é natural. Mas, precisas tratar-te a ti mesmo, para que possas remediar ao teu corpo. Nos pensamentos ansiosos, recorre ao exemplo de Jesus. Não nos consta que o Mestre estivesse algum dia de cama; todavia, sabemos que Ele esteve na cruz. Obedece, pois, a Deus e não te rebeles contra os agulhões. Socorre-te do médico do mundo ou de teu irmão do plano espiritual, mas não exijas milagres que esses benfeitores da terra e do céu não podem fazer. Só Deus te pode dar acréscimo de misericórdia, quando te esforçares por compreendê-lo.

Não deixes de atender às necessidades de teus órgãos materiais, que constituem a tua vestimenta no mundo, lembra-te, porém, do problema fundamental,

que é a posse da saúde para a vida eterna. Cumpre os teus deveres, repara como te alimentas, busca prevenir antes de remediar e, pelas muitas experiências dolorosas que já vivi no mundo terrestre, recorda comigo aquelas sábias palavras do Senhor ao paralítico de Jerusalém:

... — Eis que já estás sã; não peques mais, para que te não suceda alguma coisa pior.

Emmanuel

PRECE

Do teu trono de eternos esplendores
Derrama, meu Jesus, a luz divina,
Luz generosa e doce que propina
Vida e consolo aos pobres pecadores.

Ante os que buscam teus trabalhadores,
Auxilia a nossa alma pequenina,
Dá-lhes a crença excelsa e peregrina,
Tu que és o amor de todos os amores!

Nesta assembléia há tristes desenganos,
Amargurados corações humanos,
Perdidos na descrença e na maldade...

Dá-nos a fé que vence o ceticismo!
Que o teu amor transponha o grande abismo,
Salvando-nos da sombra e da impiedade.

Bittencourt Sampaio

PARA A MULHER

Na dolorosa situação dos vossos tempos, observamos a mulher, de modo geral, indiferente aos seus deveres. As ilusões políticas, a concorrência profissional, os venenos filosóficos invadiram os lares.

São poucas as companheiras fiéis que se mantêm, nos postos de serviço com Jesus, convictas da transitoriedade das posições humanas.

Quase sempre, o que se verifica é justamente o naufrágio de luminosas esperanças, que, a princípio, pareciam incorruptíveis e vigorosas. Semelhantes desastres são oriundos do esquecimento de que a nossa linha de frente, na batalha humana, é o lar, com todas as suas obrigações sacrificiais, compelindo as mães, as esposas, filhas e irmãs aos atos supremos da renúncia.

Nosso Mestre é Jesus. Nosso trabalho é a edificação para a vida eterna. É imprescindível não olvidar que os homens obedecerão, em todas as suas tarefas, ao imperativo do sentimento. Sem esse requisito, são muito raros os que triunfam. É necessário converter o nosso potencial de fé em fonte de auxílio.

Nada conseguiremos no terreno das competições mesquinhas, mas sim na esfera da bondade e da cooperação espiritual.

Busquemos compreender, cada vez mais, o caráter

transcendente de nossas obrigações. Quando nos referimos ao dever doméstico, claro que não aludimos à subserviência ou à escravidão. Referimo-nos à dignidade feminina com o Cristo para que todas nos tornemos devotadas cooperadoras de nossos irmãos. O mau feminismo é aquele que promete conquistas mentirosas, perdido em pregações brilhantes para esbarrar, mais tarde, em realidades dolorosas. Reconhecemos, porém, que o feminismo, esse que integra a mulher no conhecimento próprio, é o movimento de Jesus em favor do lar, para o lar e dentro do lar.

Felizes, sois, portanto, pela santidade de vosso ministério.

Unamos as mãos no trabalho redentor. Seja nossa casa o grande abrigo dos corações, onde todos temos uma tarefa sagrada a cumprir. Deus no-la concedeu, atendendo-nos às aspirações mais elevadas e às súplicas mais sinceras. Cada obstáculo seja um motivo novo de vitória e cada pequena dor seja para nós uma jóia do escrínio da eternidade.

Deixai que a tormenta do mundo, com suas velhas incompreensões, se atenuie pelo Poder Divino. Não vos magoe os ouvidos o rumor das quedas exteriores. Continuai na casa do coração, certas de que Jesus estaria conosco, sempre que lhe soubermos preferir a companhia sacrossanta.

Eugénia Braga

AQUELES VELHOS BANDEIRANTES

Aqueles velhos bandeirantes
Da epopéia paulista,
Semeadores da vida e da beleza,
Que seguiram a cruz consoladora
Em auxílio amoroso à natureza,
Nunca morreram, nunca estacionaram...
De quando a quando, bebem no Infinito
Novas forças em luzes surpreendentes,
E renascem felizes
No lar amigo de seus descendentes.

Velhos trabalhadores do Evangelho,
Se descobriram ouro e pedrarias,
Se generam, suando nos trabalhos,
Nas grandes matas ermas e sombrias,
Jamais obedeceram
Ao sentido cruel da ambição destruidora;
Persistiram, lutaram e sofreram,
Vida em fora,
Porque eram os amigos bem-amados
Que Jesus enviou a Anchieta.

Depois de ouvirem o apóstolo do Brasil,
Recordaram as promessas sagradas
Do Senhor compassivo
E abandonaram tudo nas fazendas,
Alegrias, afetos e contendas,

Canaviais e engenhos poderosos,
E unidos, valorosos,
Foram para o sertão verde renovar as sementes da
vida.

Desde então,
Aqueles velhos bandeirantes,
Tendo Cristo, no Céu, por companheiro,
Erigiram nos montes e nos vales
As fraternas cidades do Cruzeiro.
Entregaram aos índios a cartilha da fé,
Lavraram o chão duro,
Semearam as bênçãos do futuro...
Deixando a vida nova nos seus trilhos,
Talharam lealmente
O esperançoso berço de seus filhos;
Obedecendo ao Cristo de bondade
Foram chamar os filhos de outras terras
Que desejassem a fraternidade.
E, reunindo-os nas mesmas leis de amor,
Esses espíritos heróicos
No ideal renovador,
Acenderam novas luzes,
Junto ao Colégio de Piratininga.

Suas casas-grandes, agora,
Em vastas proporções,
Não somente se espraíam pela terra amorosa
Mas elevam-se também para o céu,
Copiando o impulso de seus corações.
Jesus multiplicou-lhes os talentos
E os filhos das bandeiras
Traçam novos caminhos opulentos

Aqueles velhos bandeirantes
Nunca se foram para sempre.
Logo após a passagem do sepulcro,
Se não voltam imediatamente,
Continuam no esforço, em forma diferente,
Renovando, inspirando, combatendo,
Num sublime trabalho jamais visto
Por um Brasil maior, com Jesus Cristo.

Rodrigues de Abreu

O ESPIRITISMO E A CONTRIBUIÇÃO CIENTÍFICA

O Espiritismo dispensa a contribuição científica?

O Espiritismo não pode prescindir de suas características científicas, analisando todos os fenômenos da sua esfera de influência, dentro da razão e da lógica das coisas.

Todavia, faz-se necessário conhecer até onde poderemos chegar com semelhantes contribuições, porquanto, trazendo o homem percepções sobremaneira restritas, há um domínio de conhecimento superior que se conserva fechado à sua perquirição.

Portanto, cremos que é preciso estabelecer um critério entre ciência e sabedoria. Jesus nunca se afirmou como sendo a ciência, mas sim como verdade salvadora do mundo. É que a primeira se constitui de uma série de conhecimentos instáveis, porque humanos, caracterizando-se pelas suas contínuas transformações. As verdades da sabedoria, ao contrário, não repousam na base fictícia dos sentidos e sim na Luz Infinita, que promana do Espírito, em suas manifestações de inteligência e de sentimentos superiores.

Necessitando, pois, da cooperação da ciência, o corpo doutrinal do Espiritismo tem de repousar na revelação divina da fé, na filosofia imortalista, na sabedoria espiritual, enfim, único elemento apto a

fornecer às coletividades a pedra basilar do progresso e da regeneração, há tanto tempo esperada.

Consideramos, desse modo, que o espiritualismo, antes das ciências humanas, em si, que apenas lhe podem servir de colaboradoras, deverá trabalhar no plano superior da espiritualidade, elevando os caracteres, enobrecendo os sentimentos e iluminando os corações.

Emmanuel

ROGATIVA AO CRUZEIRO DO SUL

Generosas estrelas da bonança,
Que assinalais a terra da bondade,
Espalhai sobre o mundo em tempestade
Vossas luzes de amor e de esperança.

Cruz de glórias da bem-aventurança,
Lembraí ao coração da humanidade
O Mestre do Caminho e da Verdade
Na Mensagem de paz e segurança! . . .

Constelação de altíssimos arcanos,
Altar dos sóis dos céus americanos,
Entoai nosso cântico fraterno!

Sentinela do povo brasileiro,
Derramai sobre a dor do mundo inteiro
As esperanças do Brasil eterno! . . .

Pedro d'Alcântara

À PROCURA DA FÉ

Enquanto dolorosos fenômenos políticos e sociais afligem os povos do mundo, a alma humana procura ansiosamente a fé.

Angustiado, desiludido, o homem do século vertiginoso, busca a solução do mistério do destino e do ser. Ele sabe que as civilizações vieram e passaram, que as guerras se sucederam às promessas de paz, que numerosos códigos surgiram e desapareceram, que as afirmações científicas e filosóficas não são as mesmas do passado próximo.

Onde a estabilidade?

Na dominação política? Não desconhece que Alexandre e Napoleão brilharam, como pirilampos, através de algumas noites.

Na cultura intelectual, pura e simplesmente? A inteligência desvirtuada fortalece os monstros bélicos.

No império dos sentidos? As emoções transitórias não resolvem o problema fundamental da vida.

Na satisfação egoística dos interesses individuais? É possível que a morte física se verifique para cada lutador terrestre em minuto inesperado.

Aflito, o transviado do País Divino recorre às religiões antigas, mas o culto externo, aparatoso e convencional, dificulta a visão da consciência.

É por isto que o Espiritismo, em sua feição de cristianismo restaurado, provoca os interesses de todos

os trabalhadores do pensamento, sequiosos de libertação espiritual. Acorrem todos aos seus estudos, experiências e benefícios.

Urge compreender, todavia, que não se arrebatava a luz divina, através dos aparelhos materiais, com que se observam os médiuns humanos, nem se colhe o trigo eterno da verdade, à força de interrogatórios e imposições.

A aquisição de qualquer utilidade terrestre exige pagamento ou compromisso. A obtenção da fé reclama, por sua vez, determinados valores da natureza espiritual. Buscar-lhe o valor positivo, exibindo um coração carregado de forças negativas das convenções terrestres é o mesmo que reclamar água cristalina da fonte, trazendo um cântaro cheio de vinagre e detritos.

Não vale experimentar sem entendimento, responsabilidade, sinceridade e consciência. A fé, ciosa de suas dádivas, não se interessa pelos insensatos, já de si mesmos recomendados à piedade do bem.

É por este motivo que Espiritismo sem edificação do homem interior é simples fenômeno e de fenômenos estão repletos todos os recantos da vida. É por isto que a procura da fé, sem a reforma íntima dos interessados, em Jesus Cristo, costuma representar mera aventura da vaidade humana, impermeável à revelação superior, nas densas trevas dos abismos do eu.

Emmanuel

CARTA DE IRMÃO

Meu amigo, se procuras
A Nova Revelação,
Não menosprezes na Terra
A própria renovação.

Curiosidade é caminho
Mas a fé permanece
É construção luminosa
Que só o trabalho oferece.

A dúvida honesta e nobre
Tem a sua recompensa,
Mas sem auxílio a ti mesmo
Não terás a luz da crença.

Conheço-te as aflições,
As ansiedades, as dores . . .
E reconheço-te a fuga
Nos planos exteriores.

Inventas preocupações,
Carregas fardos mentais.
Multiplicas fantasias
Dos sentidos corporais.

Complicando os teus deveres,
Tentando domínio inglório,

Padeces atormentado
Na sede do transitório.

E vens pedir, pressuroso,
Soluções claras e extremas,
Contudo, os desencarnados
Não resolvem teus problemas.

Fenômenos para os olhos
Tomados à luta alheia,
Na maioria, não passam
De castelos sobre a areia.

Antes de tudo, é preciso
Que ilumines a razão,
Buscando purificar
O cérebro e o coração.

Volta, pois, ao teu caminho,
Faze o bem, evita o mal.
Encontrarás em ti mesmo
A vida espiritual.

Nada vale observar
Nas estradas da existência,
Sem o valor positivo
Da luta e da experiência.

Espiritismo é uma escola
De vida, verdade e luz,
Que reclama do aprendiz
A aplicação com Jesus.

Casimiro Cunha

COMUNGAR COM DEUS

A fidelidade a Deus e a comunhão com o seu amor são virtudes que se completam, mas que se singularizam, no quadro de suas legítimas expressões.

Jó foi fiel a Deus quando afirmou no torvelinho do sofrimento: — **Ainda que me mate n'Ele confiarei.**

Jesus comungou de modo perfeito com o amor divino quando acentuou: — **Eu e meu Pai Somos um.**

A fidelidade precede a comunhão verdadeira com a fonte de toda a sabedoria e misericórdia.

As lutas do mundo representam a sagrada oportunidade do homem para que seja perfeitamente fiel ao Criador.

Aos que se mostram leais no **pouco** é concedido o **muito** das grandes tarefas. O Pai reparte os talentos preciosos de sua dedicação com todas as criaturas.

Fidelidade, pois, é compreensão do dever.

Comunhão com Deus é aquisição de direitos sagrados.

Não há direitos sem deveres. Não há comunhão sem fidelidade.

Eis a razão pela qual para que o homem se integre na recepção da herança divina não pode dispensar as certidões de trabalho próprio. Antes de tudo, é

imprescindível que o discípulo saiba organizar os seus esforços, operando no caminho do aperfeiçoamento individual, para a aquisição dos bens eternos.

Existiram muitos homens de vida interior iluminada, que puderam ser mais ou menos fiéis, todavia, só Jesus pode apresentar ao mundo o estado de perfeita comunhão com o Pai que está nos Céus.

O Mestre veio trazer-nos a imensa oportunidade de compreender e edificar. E se nós confiamos em Jesus é porque, apesar de todas as nossas quedas, nas existências sucessivas, o Cristo espera dos homens e confia em seu porvir. Sua exemplificação, em todas as circunstâncias, foi a do Filho de Deus, na posse de todos os direitos divinos. Justo reconhecer que essa conquista representou a sagrada resultante de sua fidelidade real. E Cristo se nos apresentou no mundo, em toda a resplendência de sua glória espiritual para que aprendêssemos com Ele a comungar com o Pai. Sua palavra é a do convite ao banquete de luz eterna e de amor imortal. Eis porque, em nosso próprio benefício, conviria sermos perfeitamente fiéis a Deus, desde hoje.

Emmanuel

BRILHE VOSSA LUZ

No serviço de paz do amor cristão,
Brilhe na Terra em sombra a vossa luz!
Seja o Eterno Evangelho de Jesus
O roteiro de vosso coração.

Não vos perturbe o campo de aflição
A que o mundo das trevas se conduz.
Sede fiéis! . . . Tomai vossa cruz
Seguindo o Mestre para a Redenção . . .

Vivei o ministério salvador
Da Vontade Divina do Senhor
Na batalha incessante contra o mal,

Ao salário da vida, fazei jus!
Onde estiverdes, brilhe a vossa luz
Para a glória do Espírito Imortal!

João de Deus

EVANGELIZAÇÃO

Todos os estudiosos que solicitam de amigos do Além um roteiro de orientação não devem esquecer o Evangelho de Jesus, roteiro das almas em que cada coração deve beber o divino ensinamento para a marcha evolutiva.

Habitualmente, invoca-se a velhice de sua letra e a repetição de seus enunciados. O Espírito do Evangelho de Cristo, porém, é sempre a luz da vida. Determinados companheiros buscam justificar o cansaço das fórmulas, alegando que em Espiritismo, temos obras definitivas da revelação, com o sabor de novidade preciosa, em matéria de esclarecimento geral e esforço educativo. O Evangelho, todavia, é como um sol de espiritualidade. Todas essas obras notáveis dos missionários humanos, na sua tarefa de interpretação, funcionam como telescópios, aclarando-lhe a grandeza. É que a sua luz se dirige à atmosfera interior da criatura, intensificando-se no clima da boa vontade e do amor, da sinceridade e da singeleza.

A missão do Espiritismo é a do Consolador, que permanecerá entre os homens de sentimento e de razão equilibrados, impulsionando a mentalidade do mundo para uma esfera superior. Vindo em socorro da personalidade espiritual que sofre, nos tempos mo-

ernos, as penosas desarmonias do homem físico do planeta, estabelece o Consolador a renovação dos valores mais íntimos da criatura e não poderá executar a sua tarefa sagrada, na hipótese de seus trabalhadores abandonarem o esforço próprio, no sentido de operar-se o reajustamento das energias morais de cada indivíduo.

A capacidade intelectual do homem é restrita ao seu aparelhamento sensorial; todavia, a iluminação de seu mundo intuitivo condu-lo aos mais elevados planos de inspiração, onde a inteligência se prepara, em face das generosas realizações que lhe compete atingir no imenso futuro espiritual.

A grande necessidade, ainda e sempre, é a da evangelização íntima, para que todos os operários da causa da verdade e da luz conheçam o caminho de suas atividades regeneradoras, aprendendo que toda obra coletiva de fraternidade, na redenção humana, não se efetua sem a cooperação legítima, cuja base é o esclarecimento sincero, mas também é a abnegação, em que o discípulo sabe ceder, tolerar e amparar, no momento oportuno.

Para a generalidade dessa orientação moral faz-se indispensável que todos os centros de estudo doutrinário sejam iluminados pelo Espiritismo evangélico, a fim de que a mentalidade geral se aplique à luta da edificação própria, sem fetichismos e sem o apoio temporal de forças exteriores, mesmo porque se Jesus convocou ao seu coração magnânimo todos os que choram com o **vinde a mim, vós os que sofreis**, também asseverou **tomai a vossa cruz e segui-me!** . . . , esclarecendo a necessidade de experiências edificantes no círculo individual.

Resumindo, somos compelidos a concluir que, em Espiritismo, não basta crer. É preciso renovar-se. Não basta apreender as filosofias e as ciências do mundo, mas sentir e aplicar com o Cristo.

Emmanuel

OS ÓCULOS

Descuidada, a pequenita,
Face rósea de romã,
Revirava, buliçosa,
Os óculos da mamãe.

Vidro aos olhos, contemplando
A região colorida,
Demonstrando-se assustada,
Exclama, surpreendida:

— “Oh! mamãe, tudo está negro!
Que enorme transformação! . . .
Parece que toda a casa
Está pintada a carvão.”

Muito aflita, retirando
O vidro de cor escura,
A pequenina observa
Mais tranqüila, mais segura:

— “Agora, sim . . . Tudo claro,
O armário, a mesa, o jarrão . . .
Que alívio, mamãe querida,
Ver as coisas tais quais são!”

— “Vês, filha? — diz-lhe a mãezinha,
Que buscava meditar, —
Na vida, tudo depende
Do modo de analisar.

Quem aplique aos próprios olhos
O vidro do pessimismo,
Envolve-se em densas trevas,
Projetando-se no abismo.”

João de Deus

JESUS

Divino Senhor — fez-se humilde servo da humanidade.

Pastor Supremo — nasceu na manjedoura singela.

Ungido da Providência — preferiu chegar ao planeta, no espesso manto da noite, para que o mundo lhe não visse a corte celestial.

Orientador nas Esferas Resplandescentes — rejubilou-se na casinha rústica de Nazaré.

Construtor do Orbe Terrestre — manejou serrotes anônimos de uma carpintaria desconhecida.

Prometido dos Profetas — escolheu a simplicidade para instituir o Reino de Deus.

Enviado às Nações — preferiu conversar com os doutores na condição de criança.

Luzeiro das Almas — consagrou longos anos à preparação e à meditação, a fim de ensinar às criaturas o caminho da redenção.

Verbo Sagrado do Princípio — submeteu-se à limitação da palavra humana para iluminar o mundo.

Sábio dos Sábios — valeu-se de pescadores pobres e simples para transmitir aos homens a divina mensagem.

Mestre dos Mestres — utilizou-se da cátedra da natureza, entre árvores acolhedoras e barcos rudes,

disseminando as primeiras lições do Evangelho Renovador.

Majestade Celeste — conviveu com infelizes e desalentados da sorte.

Príncipe do Bem — não desdenhou as vítimas do mal, amparando mulheres desventuradas e sentando-se à mesa de pecadores envilecidos.

Instrutor de Entidades Angélicas — andou com a multidão de leprosos, estropiados e cegos de todos os matizes.

Administrador da Terra — ensinou o respeito a César, consagrando a ordem e santificando a hierarquia.

Benfeitor das Criaturas — recebeu a calúnia, o ridículo, a ironia, o desprezo público, a prisão dolorosa e o inquérito descabido.

Amigo Fiel — viu-se sozinho, no extremo testemunho.

Juiz Incorruptível — não reclamou contra os falsos julgamentos de sua obra.

Advogado do Mundo — acolheu a cruz injuriosa. Ministro Divino da Palavra — adotou o silêncio, ante a ignorância de seus perseguidores.

Dono do Poder — rogou perdão para os próprios algozes.

Médico Sublime — suportou chagas sanguinolentas.

Jardineiro de Flores Eternas — foi coroado de espinhos cruéis.

Companheiro Generoso — recebeu açoites e bofetadas.

Condutor da Vida — aceitou a crucificação entre ladrões.

Emissário do Pai — manteve-se fiel a Deus até o fim.

Mensageiro da Luz Imortal — escolheu o coração amoroso e renovado de Madalena para espalhar na Terra as primeiras alegrias da ressurreição.

Mordomo dos Bens Eternos — em precisando de alguém para colaborar com os seus seguidores sinceros, busca Saulo de Tarso, o perseguidor, e transforma-o no amigo incondicional.

Coordenador da Evolução Terrestre — necessitando de trabalhadores para as missões especializadas, procura os Ananias da fé, os Estêvão do trabalho e os Barnabés anônimos da cooperação.

Missionário Infatigável da Redenção Humana — foi sempre e ainda é o maior servidor dos homens de todos os tempos e civilizações da Terra.

.....

Recordando o Mestre Divino, convertamo-nos ao seu Evangelho de Amor, para que a sua luz nasça na manjedoura de nossos corações pobres e humildes! E, edificadas no seu exemplo, abracemos a cruz de nossos preciosos testemunhos, marchando ao encontro do Senhor, no iluminado País da Ressurreição Eterna!

André Luís

ENTREGAI-VOS AO CRISTO

Se buscais a verdade soberana
É preciso fugir à noite escura,
Cuja sombra pesada vos empana
A visão corporal, pobre e insegura...

É a sombra que desceu à ciência humana,
Amortalhando a mísera criatura,
Sob a carne que humilha, esquece e engana
No turbilhão de vossa desventura.

Tendes vivido em louca fantasia,
Entre as sendas de dor e de ironia
Descuidados da trágica demora.

Vinde!... Se desejais a liberdade
Com os bens da luz, da paz e da verdade,
Entregai-vos ao Cristo, desde agora!

Pedro d'Alcântara

A MANJEDOURA

As comemorações do Natal conduzem-nos o entendimento à eterna lição de humildade de Jesus, no momento preciso em que a sua mensagem de amor felicitou o coração das criaturas, fazendo-nos sentir, ainda, o sabor de atualidade dos seus divinos ensinamentos.

A Manjedoura foi o Caminho.

A Exemplificação era a Verdade.

O Calvário constituía a Vida.

Sem o Caminho, o homem terrestre não atingirá os tesouros da Verdade e da Vida.

É por isso que, emaranhados no cipoal da ambição menos digna, os povos modernos, perdendo o roteiro da simplicidade cristã, desgarram-se da estrada que os conduziria à evolução definitiva, com o Evangelho do Senhor. Sem ele, que constitui o transunto de todas as ciências espirituais, perderam-se as criaturas humanas, nos desfiladeiros escabrosos da impiedade.

Debalde, invoca-se o prestígio das religiões numerosas, que se afastaram da Religião Única, que é a Verdade ou a Exemplificação com o Cristo.

Com as doutrinas da Índia, mesmo no seio de suas filosofias mais avançadas, vemos os párias miseráveis morrendo de fome, à porta suntuosa dos pagodes de ouro das castas privilegiadas.

Com o budismo e com o sintoísmo, temos o Japão e a China mergulhados num oceano de metralha e de sangue.

Com o Alcorão e com o judaísmo, temos as nefandas disputas da Palestina.

Com o catolicismo, que mais de perto deveria representar o pensamento evangélico, na civilização ocidental, vemos basílicas suntuosas e frias, onde já se extinguíram quase todas as luzes da fé. Aí dentro, com os requintes da ciência sem consciência e do raciocínio sem coração, assistimos a guerras absurdas da conquista pela força, identificamos o veneno das doutrinas extremistas e perversoras, verificamos a onda pesada de sangue fratricida, nas revoluções injustificáveis e anotamos a revivescência das perseguições inquisitórias da Idade Média, com as mais sombrias perspectivas de destruição.

Um sopro de morte atira ao mundo atual supremo cartel de desafio.

Não obstante o progresso material, sente a alma humana que sinistros vaticínios lhe pesam sobre a fronte. É que a tempestade de amargura na dolorosa transição do momento significa que o homem se mantém muito distante da Verdade e da Vida.

As lembranças do Natal, porém, na sua simplicidade, indicam à terra o caminho da Manjedoura. . . Sem ele, os povos do mundo não alcançarão as fontes regeneradoras da fraternidade e da paz. Sem ele, tudo será perturbação e sofrimento nas almas, presas no turbilhão das trevas angustiosas, porque essa estrada providencial para os corações humanos é ainda o Caminho esquecido da Humildade.

Emmanuel

SÚPLICA DO NATAL

Na noite santificada,
Em maravilhas de luz,
Sobem preces, cantam vozes
Lembrando-Te, meu Jesus!

Entre as doces alegrias
De Teu Natal, meu Senhor,
Volve ao mundo escuro e triste
Os olhos cheios de amor.

Repara conosco a Terra,
Angustiada e ferida,
E perdoa, Mestre Amado,
Os erros de nossa vida.

Onde puseste a alegria
Da paz, da misericórdia,
Desabam tormentas rudes
De iniquidades e discórdia.

No lugar, onde plantaste
As árvores da união,
Vivem monstros implacáveis
De dor e separação.

Ao longo de Teus caminhos
Sublimes e abençoados,
Surgem trevas pavorosas
De abismos escancarados.

Ao invés de Teus ensinamentos
De caridade e perdão,
Predominam sobre os homens
A sombra, o crime, a opressão.

Perdoa, Mestre, aos que vivem
Erguendo-Te a nova cruz!
Dá-nos, ainda, a bonança
De Tua divina luz.

Desculpa o mundo infeliz,
Distante das leis do bem,
Releva as destruições
Da humana Jerusalém . . .

Se a inteligência dos homens
Claudicou e recaiu,
A Tua paz não mudou
E o Teu amor não dormiu.

Por isso, ó Pastor Divino,
Nos júbilos do Natal,
Saudamos a Tua estrela
De vida excelsa e imortal.

Que o mundo Te guarde a lei
Pela fé que nos conduz
Das sombras de nossa vida
Ao reino de Tua luz! . . .

Casimiro Cunha

F I M



DAG - LTDA. imprimiu
01000 - São Paulo, SP
02754 - Rua Maria Cecília, 277
Tel. 2663219

